

## **ACADEMIA MILITAR**

### **Estado Islâmico: As suas Técnicas, Táticas e Procedimentos e como se combatem**

**Autor: Aspirante de Infantaria Rui Pedro Fernandes Eleutério**

**Orientador: Coronel de Infantaria (Doutor) Nuno Correia Barrento de Lemos Pires**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, setembro de 2016**



## **ACADEMIA MILITAR**

### **Estado Islâmico: As suas Técnicas, Táticas e Procedimentos e como se combatem**

**Autor: Aspirante de Infantaria Rui Pedro Fernandes Eleutério**

**Orientador: Coronel de Infantaria (Doutor) Nuno Correia Barrento de Lemos Pires**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, setembro de 2016**

## EPÍGRAFE

“A guerrilha deve-se movimentar na população tal como um peixe no mar.”

Mao Tse Tung

“Se uma insurgência são tubarões a nadar num oceano de pessoas, devemos procurar saber com que frequência atacam, a sua espécie exata, o tamanho e experiência dos vários tubarões, e o tamanho do oceano em que nadam.”

Malcolm W. Nance

# DEDICATÓRIA

A todos os militares que deram e estão  
dispostos a dar a vida pela sua pátria.

## AGRADECIMENTOS

Terminando este Trabalho de Investigação Aplicada, chega o momento de agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão do mesmo.

Ao Coronel de Infantaria Nuno Correia Barrento de Lemos Pires, que nas funções de orientador me mostrou o caminho para a realização deste trabalho, agradeço o tempo disponibilizado para esclarecimento de dúvidas com prejuízo para a sua atividade profissional e vida pessoal.

Ao Tenente Coronel de Infantaria António Luís Morais Pinto de Oliveira pela bibliografia disponibilizada.

Aos meus camaradas de curso que me têm acompanhado nos bons e maus momentos ao longo de todos estes anos.

Aos meus familiares que tanto me apoiaram desde o meu ingresso na Academia Militar.

A todos, um grande obrigado.

## RESUMO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada procura perceber qual a origem, os fatores que permitiram crescer e quais as principais técnicas táticas e procedimentos adotadas pelo Estado Islâmico, um grupo fundamentalista islâmico, que até ao verão de 2014, era relativamente desconhecido. Foi nesta altura, que este lançou uma série campanhas bem-sucedidas, conquistando vastas áreas de território na Síria e no Iraque, apanhando a comunidade internacional de surpresa.

Para além de identificar as principais táticas adotadas por este grupo, este trabalho propõe ainda uma série de medidas que devem ser tomadas para o combater, tendo por base principalmente a doutrina de contrainsurgência estadunidense. A pergunta inerente à problemática estudada é então “Como se combatem as principais táticas, técnicas e procedimentos adotadas pelo Estado Islâmico?”

Para responder a esta questão o trabalho recorreu a uma abordagem metodológica hipotético-dedutiva, pelo método da análise documental. Foi utilizada principalmente a técnica de recolha de dados a partir de dados documentais preexistentes.

Concluiu-se que o Estado Islâmico utiliza um vasto leque de táticas através da chamada Guerra Híbrida, que inclui táticas convencionais, de guerrilha e terroristas, combinadas entre si. Verificou-se ainda que o nível tático não é suficiente para derrotar este grupo, sendo para tal necessária uma abordagem holística.

**Palavras-Chave:** Estado Islâmico; Contrainsurgência; Contra guerrilha; Terrorismo; Guerra Híbrida.

## ABSTRACT

The present work aims to find the origin, the factors that allowed the growth and the main tactics, technics and procedures adopted by the Islamic State, an Islamic fundamentalist group that, until the summer of 2014, was relatively unknown. By this time, it launched a series of well succeeded campaigns, conquering vast areas across Syria and Iraq, and catching de international community by surprise.

Apart from identifying the main tactics adopted by this group, this work aims also to suggest what measures should be taken to fight it, mainly using the american counterinsurgency doctrine. The question inherent to this investigation is therefore: “How are the main tactics, techniques and procedures adopted by the Islamic State fought?”

To answer this question we used an hypothetic-deductive approach, using the document analysis method. We mainly used the data collecting technique through preexisting documents.

We concluded that the Islamic State uses a wide array of tactics through Hybrid Warfare, which includes conventional, guerrilla and terrorists tactics combined together. We also ascertained that the tactical level isn't enough to fight this group, being needed na holistic approach.

**Key-Words:** Islamic State; Counterinsurgency; Counterguerrilla; Terrorism; Hybrid Warfare.

# ÍNDICE GERAL

<b>EPÍGRAFE .....</b>	<b>I</b>
<b>DEDICATÓRIA .....</b>	<b>II</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>III</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>IV</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>V</b>
<b>ÍNDICE GERAL .....</b>	<b>VI</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS.....</b>	<b>IX</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS/TABELAS .....</b>	<b>X</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS.....</b>	<b>XI</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
1.1. INTRODUÇÃO .....	1
1.2. ENQUADRAMENTO.....	2
1.3 JUSTIFICAÇÃO DO TEMA.....	3
1.4 OBJETIVOS.....	3
1.5 QUESTÃO CENTRAL E QUESTÕES DERIVADAS.....	4
1.6 HIPÓTESES.....	4
1.7 METODOLOGIA .....	4
1.8 ESTRUTURA DO TRABALHO .....	5
<b>CAPÍTULO 1 - REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO 2 - ENQUADRAMENTO GERAL .....</b>	<b>7</b>
2.1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO.....	7
2.2. FATOR HUMANO .....	8
2.3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	10
2.4. PRINCIPAIS ATORES.....	15
2.5. AMBIENTE ESTRATÉGICO .....	18
2.6. SÍNTESE CONCLUSIVA.....	20

<b>CAPÍTULO 3 – O ESTADO ISLÂMICO.....</b>	<b>21</b>
3.1. ORIGEM.....	21
3.2. NÍVEL ESTRATÉGICO .....	24
3.2.1. <i>Estratégia política</i> .....	25
3.2.2. <i>Estratégia militar</i> .....	26
3.2.3. <i>Estratégia económica</i> .....	27
3.2.4. <i>Estratégia psicológica</i> .....	29
3.3. NÍVEL OPERACIONAL .....	30
3.3.1. <i>Operações Ofensivas</i> .....	30
3.3.2. <i>Operações Defensivas</i> .....	31
3.4. NÍVEL TÁTICO .....	31
3.4.1. <i>Objetivos táticos</i> .....	32
3.4.2. <i>Armamento e equipamento</i> .....	32
3.4.3. <i>Organização tática</i> .....	34
3.4.4. <i>Principais táticas</i> .....	36
3.5. SÍNTESE CONCLUSIVA.....	42
<b>CAPÍTULO 4 - COMO SE COMBATEM AS TÉCNICAS, TÁTICAS E PROCEDIMENTOS DO ESTADO ISLÂMICO.....</b>	<b>43</b>
4.1. NÍVEL ESTRATÉGICO .....	43
4.2. NÍVEL OPERACIONAL .....	45
4.3. NÍVEL TÁTICO .....	45
4.3.1. <i>Contraterrorismo e Antiterrorismo</i> .....	46
4.3.2. <i>Contra guerrilha</i> .....	46
4.3.3. <i>Táticas convencionais</i> .....	49
4.3.4. <i>Atividades criminosas</i> .....	49
4.4. SÍNTESE CONCLUSIVA.....	49
<b>CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXO A: MAPA DAS PROVÍNCIAS DO IRAQUE E DA SÍRIA .....</b>	<b>I</b>
<b>ANEXO B: ACORDO DE SYKES-PICOT .....</b>	<b>II</b>

<b>ANEXO C: ESTIMATIVA DOS EFETIVOS DOS PRINCIPAIS GRUPOS INSURGENTES NO IRAQUE (2003-2009).....</b>	<b>III</b>
<b>ANEXO D: TRIÂNGULO SUNITA .....</b>	<b>IV</b>
<b>ANEXO E: ORGANIZAÇÃO DA AQI .....</b>	<b>V</b>
<b>ANEXO F: TERRITÓRIO CONTROLADO PELO ESTADO ISLÂMICO (25/06/16).....</b>	<b>VI</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema relacional dos principais atores na região .....	19
Figura 2 – Organização típica de uma célula da AQI .....	35
Figura 3 – Proposta de sistema IED .....	39

## ÍNDICE DE QUADROS/TABELAS

Tabela 1 – Principal armamento pesado capturado pelo EI.....	33
Tabela 2 – Análise dos elementos de poder estratégico do EI.....	44

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AA	Anti-aérea
ACar	Anti-Carro
AQI	<i>Al-Qaeda in Iraq</i>
CC	Carro de Combate
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
COIN	<i>Counterinsurgency</i>
EI	Estado Islâmico
EOD	<i>Explosive Ordnance Disposal</i>
EUA	Estados Unidos da América
FRL	<i>Former Regime Loyalists</i>
FSA	<i>Free Syrian Army</i>
HN	<i>Host Nation</i>
IED	<i>Improvised Explosive Device</i>
IRE	<i>Iraqi Religious Extremists</i>
ISI	<i>Islamic State of Iraq</i>
ISIS	<i>Islamic State of Iraq and ash-Sham</i>
JAN	<i>Jebhat al-Nusra</i>
MANPAD	<i>Man-portable air defense systems</i>
ONG	Organização não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
QRF	<i>Quick Reaction Force</i>
SAA	<i>Syrian Arab Army</i>
SMP	<i>Sniper Mobile Platform</i>

TTP	Táticas, Técnicas e Procedimentos
VBL	Viatura Blindada Ligeira
VBTP	Viatura Blindada de Transporte de Pessoal
VCI	Viatura de Combate de Infantaria

# INTRODUÇÃO

## 1.1. Introdução

Este Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) insere-se no Estágio de Natureza Profissional (ENP), componente do Tirocínio para Oficial de Infantaria (TPOI), e tem o objetivo de levar o futuro oficial dos quadros permanentes do Exército Português a “aplicar competências e desenvolver a capacidade de compreensão que permita e constitua a base de desenvolvimento e/ou de aplicações originais, em ambiente de investigação aplicada, nos domínios da segurança e defesa e, em particular, na sua área de especialização.”<sup>1</sup> O tema deste trabalho é: o “Estado Islâmico: As suas Técnicas<sup>2</sup>, Táticas<sup>3</sup> e Procedimentos<sup>4</sup> e como se combatem”.

Tal como afirmam Quivy & CampenHoudt (1995, p.19) um trabalho de investigação visa “compreender melhor os significados de um acontecimento ou de uma conduta, fazer inteligentemente o ponto de situação, captar com maior perspicácia as lógicas de funcionamento de uma organização, reflectir acertadamente sobre as implicações de uma decisão política,” ou ainda compreender como determinadas pessoas apreendem um problema. Assim, este TIA, tal como qualquer outro estudo, para além de aumentar as capacidades de investigação do autor, almeja aprofundar o conhecimento numa área específica do saber. Não sendo apenas uma simples descrição das principais táticas adotadas por e contra o Estado Islâmico (EI), este trabalho tem a pretensão de fazer uma análise mais abrangente do conflito em questão. Este estudo académico apresenta-se assim, não só como um guia prático de contra insurgência, utilizável por militares numa perspectiva de combate, mas também como uma publicação explicativa da situação para qualquer leitor interessado.

---

<sup>1</sup> Regulamento do Tirocínio para Oficial do Quadro Permanente do Exército e da Guarda Nacional Republicana, anexo à Ordem de Serviço nº145 de 29Jul15.

Técnicas são maneiras ou métodos não prescritivos utilizados para executar missões, funções ou tarefas (FM 3-0, 2008). Nota: Todas as obras escritas em inglês foram alvo de tradução própria do autor.

<sup>3</sup> Táticas são o emprego e arranjo ordenado de forças, uma em relação à outra. Táticas eficazes traduzem poder de combate em resultados decisivos (FM 3-0, 2008).

<sup>4</sup> Procedimentos são passos detalhados padrão que indicam como se executam tarefas específicas. Os procedimentos são prescritivos; independentemente das circunstâncias, são executados da mesma maneira (FM 3-0, 2008).

O actual capítulo visa enquadrar o leitor e justificar a escolha desta temática, além de apresentar os objectivos, a questão central e derivadas, as hipóteses, metodologia adotada e estrutura deste trabalho.

## 1.2. Enquadramento

No verão de 2014, o EI<sup>5</sup>, um grupo fundamentalista islâmico relativamente desconhecido até à data, surgia nos media internacionais como a principal nova ameaça à estabilidade no Médio Oriente e à paz mundial. Combinando o seu fanatismo religioso com perícia militar, este grupo afirmou-se como a principal oposição aos governos do Iraque e da Síria. A saída dos EUA do Iraque e a Guerra Civil na Síria, permitiu que o EI se expandisse com uma rapidez e brutalidade notáveis, aproveitando-se da instabilidade e da separação das diversas comunidades destes dois países.

No seu primeiro sermão de sexta-feira, a 5 de julho de 2014, na cidade de Mossul (a principal cidade no norte do Iraque, conquistada no mês anterior), o seu líder, o autointitulado califa do autoproclamado Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi, aparece pela primeira vez em público para pedir vassalagem a todos os muçulmanos do mundo de modo a que estes o ajudassem a criar o seu califado<sup>6</sup>, “um Estado em que árabes e não árabes, brancos e negros, orientais e ocidentais serão irmãos” (Dabiq, The Return of the Khilafah, 2014).

A ausência de um poder político forte com forças armadas bem estruturadas e a existência de um grande número de beligerantes na região permitiu que o Estado Islâmico tomasse posse de uma grande extensão territorial e a conseguisse manter até ao presente. A captura de armamento e equipamento ao exército iraquiano e sírio, entre outros grupos, possibilitou ainda uma luta de igual para igual, através da combinação de táticas insurgentes com táticas convencionais. São precisamente estas táticas que vão ser

---

<sup>5</sup> Escolhemos esta designação face a ISIS, ISIL e DAESH, para proporcionar uma ideia de progressão por parte do grupo.

<sup>6</sup> Estado político-religioso constituído pela comunidade muçulmana e pelas terras por si ocupadas após a morte de Maomé (Britannica, 2016).

confrontadas neste trabalho relativamente à doutrina *CounterInsurgency* (COIN) estadunidense<sup>7</sup>.

### **1.3 Justificação do Tema**

Este trabalho enquadra-se no âmbito da Organização, Tática e Logística tendo assim bastante relevância para os militares, em especial para os graduados e subalternos de infantaria, tendo em conta que este será um tipo de teatro em que provavelmente atuarão. Revela-se ainda de especial importância porque, para além da componente tática do combate, hoje em dia, mais que nunca, é necessário compreender o ambiente envolvente e a cultura adjacente ao campo de batalha.

O EI é também uma organização terrorista inovadora na maneira que faz uso das novas tecnologias para fazer passar a sua mensagem e produzir lucros, algo que teria grande interesse em ser abordado, no entanto, devido à atualidade, abrangência e complexidade desta temática, tivemos de restringir a investigação. Optamos por abordar com mais detalhe a parte com mais interesse para o militar combatente, a componente tática.

### **1.4 Objetivos**

Definimos como objetivo geral desta investigação: revelar quais as principais medidas que devem ser adotadas para combater o EI. Resultantes deste objetivo geral advêm os seguintes objetivos específicos: descrever quais as principais TTP adotadas pelo EI; e revelar quais as principais contramedidas previstas na doutrina COIN estadunidense para fazer face às principais TTP adotadas pelo EI.

---

<sup>7</sup> No decorrer da revisão de literatura para este trabalho, esta pareceu-nos a mais atual e completa quer ao nível estratégico, quer ao nível tático.

## 1.5 Questão Central e Questões Derivadas

O presente TIA pretende responder à seguinte questão central: **Como se combatem as principais TTP adotadas pelo EI?**

De maneira a realizar o estudo desta temática surgiram outras questões pertinentes que derivam da questão central, nomeadamente:

**Questão Derivada 1:** Quais as principais TTP adotadas pelo EI?

**Questão Derivada 2:** Quais as contramedidas previstas na doutrina COIN estadunidense para fazer face às principais TTP adotadas pelo EI?

## 1.6 Hipóteses

Perante as questões levantadas, formularam-se duas hipóteses:

**Hipótese 1:** As TTP utilizadas pelo EI não são inovadoras.

**Hipótese 2:** As contramedidas táticas previstas na doutrina COIN são insuficientes para fazer face ao EI.

## 1.7 Metodologia

De acordo com Fortin (1996, p.39) no decurso da fase metodológica “ o investigador determina os métodos que utilizará para obter as respostas às questões de investigação colocadas ou às hipóteses formuladas”. Como tal, esta investigação científica tem uma abordagem metodológica hipotético-dedutiva, pelo método da análise documental. (Jupp, 2006) Para responder as questões anteriormente levantadas iremos recorrer a pesquisa documental e bibliográfica. Este trabalho tem como principais fontes bibliográficas, livros, relatórios, publicações doutrinárias do Exército (PDE), *field manuals* (FM) e informação *online*. As referências para a redação deste TIA, foram a norma de

execução permanente (NEP) 520\4<sup>a</sup> de 11 de maio de 2015 e a NEP 522\1<sup>a</sup> de 20 janeiro de 2016.

## **1.8 Estrutura do Trabalho**

O presente TIA está estruturado em três partes, compostas por seis capítulos. A Introdução e Revisão de Literatura constituem a primeira parte deste trabalho. Nesta componente pretende fazer-se uma introdução ao trabalho, contextualização da investigação, apresentação da questão central e questões derivadas, diferentes hipóteses, bem como a metodologia e estrutura utilizada. É também nosso objetivo apresentar as principais obras utilizadas nesta investigação.

A segunda parte corresponde ao Capítulo 2 – Enquadramento Geral e Capítulo 3 – O Estado Islâmico. No Capítulo 2 é apresentada uma contextualização geográfica, histórica e social do Iraque e da Síria, com especial destaque para as condições que permitiram o atual sucesso do EI e para os atores atualmente presentes na região e suas relações entre si. No Capítulo 3 é feita uma exposição detalhada sobre o EI, desde a sua conceção, principais estratégias e TTP utilizadas.

A terceira parte é composta pelo Capítulo 4 – Como se combatem as TTP adotadas pelo Estado Islâmico e pelas Conclusões e Recomendações. No Capítulo 4 é feita uma análise sobre quais as principais medidas a serem tomadas para combater o EI, de acordo com a doutrina COIN estadunidense, entre outras publicações. Nas Conclusões e Recomendações são feitas as conclusões deste trabalho, através das respostas à questão central e questões derivadas, que representam o culminar das três partes anteriormente referidas. Por último é exposta a bibliografia utilizada e os anexos ao trabalho.

## CAPÍTULO 1 - REVISÃO DE LITERATURA

No presente TIA é analisada a relação entre os seguintes conceitos: EI, Insurgência, Terrorismo, Guerra Híbrida e COIN. No decorrer da revisão literária desta investigação demos conta que a literatura sobre este tema não está particularmente desenvolvida, dado que é um conflito que ainda está a decorrer e muita da informação não é fácil de obter.

No que se refere à fase descrição dos antecedentes anteriores à criação do EI apoiámo-nos bastante na obra de Jaime Nogueira Pinto (2015), *O Islão e o Ocidente: A Grande Discórdia*, da editora D. Quixote e no *World Fact Book* da CIA.

Para determinar origem do EI, os seus objetivos e os meios com que os tentam alcançar utilizámos principalmente a obra de Malcolm W. Nance (2015), *The Terrorists of Iraque: Inside the Strategy and Tactics of the Iraq Insurgency*, na publicação de Tomás Kaválek (2015), *From al-Qaeda in Iraq to Islamic State: The Story of Insurgency in Iraq and Syria in 2003-2015* e numa série de relatórios do *Institute for the Study of War*, entre outras obras.

Relativamente à doutrina COIN destacamos o FM 3-24 - *Insurgencies and Countering Insurgencies* (2014), o FM 3-24.2 - *Tactics in CounterInsurgency* (2009), a PDE 3-09-00 – Operações Não Convencionais (2010) e a PDE 3-64-00 – CIED (2011).

## CAPÍTULO 2 - ENQUADRAMENTO GERAL

### 2.1. Enquadramento Geográfico

O estudo do terreno é um ponto essencial para a formulação de TTP a utilizar num determinado Teatro de Operações. Assim, para melhor compreender a situação vivida atualmente no Iraque e na Síria, iremos apresentar, neste subcapítulo, algumas das principais características geográficas destes dois países com fronteira comum.

Ambos os países se situam no Médio Oriente, uma zona do globo bastante volátil palco de um grande número de guerras ao longo da história.

O Iraque e o Levante<sup>8</sup>, “compreendem uma região contínua e coerente, com uma área total de mais de 700 mil km<sup>2</sup>, que possui todas as condições para as ‘Frentes Abertas’ especialmente nas regiões montanhosas do norte e ocidente da Síria, na maior parte do Líbano e também nas montanhas orientais e setentrionais do rio Jordão” (Rogero, 2015).

Além de partilharem uma fronteira de 599 km, o Iraque e a Síria, possuem uma linha costeira de 58 km no Golfo Pérsico, em Shatt al Arab, e de 193 km no Mar Mediterrâneo, respetivamente, que na eventualidade da sua união, permite a existência de um corredor terrestre que ligue as duas massas de água. Os dois países fazem ainda fronteira com o Irão, Jordânia, Kuwait, Arábia Saudita, Turquia, Israel e Líbano (CIA, 2016).

O clima é principalmente desértico, com invernos frios e verões quentes e secos sem nuvens, em ambos os países. Ocasionalmente, o descongelar de neve oriunda da região montanhosa que se encontra na fronteira norte iraquiana leva, no início da Primavera, a vastas inundações no centro e sul do país. O ponto mais baixo é de 0 m no Golfo Pérsico para o Iraque e -200 m perto do Lago Tibérias na Síria. A maior elevação no Iraque é *Cheeka Dar* (3661 m) e na Síria o monte *Hermon* (2814 m) (CIA, 2016).

Ambos os países são produtores de petróleo e fosfatos, entre outros recursos naturais (CIA, 2016).

---

<sup>8</sup> Designação dada à região que engloba a Síria, Líbano, Jordânia e Israel (Britannica, 2016).

Podemos verificar que esta região preenche as pré-condições territoriais necessárias para o sucesso numa ‘*Jihad*<sup>9</sup> de Frente Aberta’. O território deve assim ser: espaçoso em termos de área; variado e com fronteiras extensas; difícil de sitiar; conter terreno montanhoso difícil ou florestas e massas semelhantes e possuir suficientes fontes de água e alimentos, de forma a resistir a um cerco (Rogeiro, 2015).

## 2.2. Fator humano

Tal como a configuração do terreno, importa também o estudo da população, a sua cultura, religião e língua. Estes fatores tornam-se determinantes para melhor compreender a conflitualidade na região. Neste subcapítulo vamos explanar com maior detalhe a grande diversidade cultural e religiosa desta zona do globo, dois dos grandes obstáculos à sua pacificação.

Os principais grupos étnicos do Iraque são os árabes<sup>10</sup> (75%-80%), curdos<sup>11</sup> (15%-20%) e turcomanos, assírios e outros (5%) da sua população de 37 milhões de habitantes. Na Síria os árabes (90,3%) e curdos e arménios (9,7%) constituem a sua população de 17 milhões de habitantes. Verificamos assim que em ambos os países a principal etnia é a árabe, seguida da curda (CIA, 2016).

O Iraque e a Síria estão divididos em 14, e 18 províncias<sup>12</sup>, respetivamente, com cerca 58% da população síria e 70% da população iraquiana a viver em zonas urbanas (CIA, 2016).

O Iraque tem como línguas oficiais o árabe e o curdo, o turcomano e o assírio (línguas oficiais em áreas onde constituem a maioria da população). A Síria tem apenas o árabe como língua oficial, mas o curdo, arménio e aramaico são vastamente compreendidos (CIA, 2016).

---

<sup>9</sup> Ato de se esforçar para cumprir o propósito de Deus na Terra. Pode-se referir à *jihad* maior (luta espiritual interna) ou *jihad* menor (conflito armado) (Stern & Berger, 2015).

<sup>10</sup> O termo árabe refere-se a qualquer um dos povos falantes nativos de árabe da vasta região que vai desde a Mauritânia, na costa atlântica de África, ao sudoeste do Irão, incluindo o Magrebe norte africano, o Egito e Sudão, a península Arábica, a Síria e o Iraque (Britannica, 2016).

<sup>11</sup> Os curdos são um dos povos indígenas das planícies mesopotâmicas e das terras altas do que é agora o sudeste da Turquia, nordeste da Síria, norte do Iraque, noroeste do Irão e sudoeste da Arménia. Possuem uma comunidade distinta, unida através da raça, cultura e língua, embora não possuam um dialeto padrão. Aderiram a várias religiões e credos, no entanto a maioria são muçulmanos sunitas (BBC, 2016).

<sup>12</sup> Ver Anexo A.

A principal religião de ambos os países é o Islão (99% da população no Iraque e 87% na Síria). Após a morte do seu profeta Maomé em 632 d.C., não era claro quem devia guiar a *umma*<sup>13</sup> e, como tal, na incerteza da sua sucessão, originou-se um cisma religioso. A comunidade dividiu-se assim em dois principais grupos: Os xiitas<sup>14</sup> (60%-65% no Iraque e 13% na Síria), que acreditavam que o novo líder tinha de ser um homem descendente direto de Maomé, e os sunitas<sup>15</sup> (32%-37% no Iraque e 74% na Síria) que defendiam que o líder podia ser qualquer membro varão da tribo coraixita<sup>16</sup>, escolhido pelas autoridades da comunidade muçulmana (Stern & Berger, 2015) (CIA, 2016).

Importa ainda salientar que esta região é provida de uma panóplia de tribos que, devido a várias ligações e lealdades, muitas das vezes não tolera a interferência de uma autoridade central. A unidade estrutural básica de uma tribo é o *kham*<sup>17</sup>, que consiste em todas as crianças que partilham o mesmo trisavô. Uma vasta família estendida forma um *fakhdh*<sup>18</sup> que, por sua vez, em conjunto, formam uma *ashira*<sup>19</sup>. Uma tribo é liderada por um *sheikh* que tradicionalmente é o líder político e militar, educador chefe e gestor de assuntos externos. As tribos por vezes formam uma confederação ou *qabila* (Hassan, 2007) (Chatty, 2010).

O Iraque possui aproximadamente 150 tribos (em que as maiores chegam a um milhão de pessoas), sendo que as mais influentes se encontram na região de *Anbar*. Analogamente, na Síria as tribos beduínas continuam a ser reconhecidas como entidades com grande influência e autoridade na *Badia*<sup>20</sup> (Hassan, 2007).

Conseguimos assim perceber que estamos perante uma região dividida pela religião, pelas etnias e com uma hierarquia muito difícil de definir.

<sup>13</sup> Nome dado à comunidade constituída por todos os muçulmanos do mundo. (Britannica, 2016)

<sup>14</sup> Xiita é uma abreviatura de *Shi'at 'Ali*, que significa «Seguidores de Ali» (o genro e primo de Maomé. (Stern & Berger, 2015).

<sup>15</sup> Sunita deriva do termo *Ahl al Sunnah wa'l jama'a*, que significa «Povo de tradição e comunidade» (Stern & Berger, 2015).

<sup>16</sup> Tribo de Maomé (Stern & Berger, 2015).

<sup>17</sup> Família estendida (Hassan, 2007).

<sup>18</sup> Clã (Hassan, 2007).

<sup>19</sup> Tribo (Hassan, 2007).

<sup>20</sup> Estepe semiárida na Síria central (Britannica, 2016).

### 2.3. Contextualização histórica

“Ao contrário de outros que seguem outras profissões, o soldado «comum» não consegue exercer regularmente a sua profissão” (combate), por isso é através da experiência indireta de muitos outros, escrita na História, que este vai obter conhecimentos práticos e desenvolvimento mental (Hart,1944).

A Síria e o Iraque são duas nações criadas de um remendo de pessoas e culturas díspares que convinham aos seus criadores, e não aos seus habitantes. A sua criação foi o resultado da divisão negociada de territórios Otomanos após a sua derrota perante as Forças Aliadas na 1ª Guerra Mundial (Nance, 2015).

Em Janeiro de 1916, Mark Sykes, sexto baronete de Sledmere e François Georges-Picot, antigo cônsul de Paris em Beirute, traçam o famoso acordo que consagrará a repartição entre Londres e Paris de zonas de influência no Médio Oriente, o acordo de Sykes-Picot<sup>21</sup>. Neste acordo os franceses ficariam com a «Grande Síria» (a Síria e o Líbano) e os ingleses com todo o Iraque (Pinto, 2015).

Durante a guerra, os ingleses tinham instigado as tribos árabes para que se revoltassem contra os otomanos, prometendo-lhes em troca a independência sob o governo dos Hachemitas<sup>22</sup>. Para tal enviaram Thomas Edward Lawrence um membro dos Serviços de *Intelligence* Britânicos que deveria lutar ao lado das forças árabes, atacando as posições turcas nas terras do Levante (Lawrence, 2008) (Pinto, 2015).

A recompensa prometida aos árabes era, no entanto, um embuste. Ao ganharem a guerra, “as potências europeias tinham como agenda secreta uma recolonização imperial dos espaços médio-orientais – do Egipto, do Sudão, da Síria, do Líbano, do Iraque e da Palestina. Aproveitando-se do vazio deixado pelos turcos, impondo o governo direto ou recorrendo a homens de palha, os europeus iam tomando conta dos seus interesses” (Pinto, 2015).

Assim, para os franceses ficaram a Síria e o Líbano, enquanto os filhos do xerife Hussein (que dominava Meca e Medina), Faisal e Abdullah, reinariam no Iraque e Jordânia, respetivamente, sob mandato britânico (Pinto, 2015).

---

<sup>21</sup> Ver Anexo B.

<sup>22</sup> Família árabe de ascendência comum à de Maomé (Britannica, 2016).

“Entretanto, um novo poder emergira. Ibn Saud, da Casa de Saud (que, no século XVIII, estabelecera uma aliança com os fundamentalistas wahabitas<sup>23</sup>) ia agora fazer a unidade das tribos do deserto da Arábia, com o apoio dos wahabitas e através de alianças familiares e de um paciente trabalho político-militar” (Pinto, 2015).

Outro grande fator que alterou a equação regional foi a substituição de carvão por petróleo como combustível de navios de guerra da *Royal Navy* desde o início do século XX. Esta mudança dava novo valor ao Médio Oriente tendo em vista que esta região é rica neste recurso natural (Pinto, 2015).

Vários países negociaram acordos que privilegiavam os interesses britânicos na prospeção e exploração de petróleo, tal como o Irão, o Kuwait e o Bahrein. A Casa de *Saud* ia também ser beneficiada por este achado (Pinto, 2015).

“O caso mais complicado do novo xadrez imperial britânico no Médio Oriente era o mandato sobre a Palestina, atingindo a princípio uma agenda contraditória, que por um lado prescrevia a criação de uma «casa nacional para o povo judeu» e por outro queria salvaguardar os direitos políticos e económicos das comunidades não judaicas – árabes e cristãs- que ali existiam” (Pinto, 2015).

A 2ª Guerra Mundial veio determinar um novo equilíbrio de poderes na sociedade internacional. Os ideais colonialistas e imperialistas europeus eram banidos e condenados nos textos fundadores da nova ordem internacional (Pinto, 2015).

O nacionalismo deixava de ser um fenómeno exclusivo das nações ocidentais. Os árabes e muçulmanos foram os pioneiros na reivindicação nacionalista neste novo mundo, mas o seu primeiro ato coletivo foi um desastre militar: a guerra contra Israel (Pinto, 2015).

Com a pressão de ter de arranjar um novo lar para os judeus sobreviventes do Holocausto e de erradicar movimentos sionistas<sup>24</sup> armados, a Organização das Nações Unidas (ONU) “apoiou a criação do Estado de Israel, com data prevista para a independência a 14 de Maio de 1948. No dia seguinte, a 15, forças do Egipto, da Síria, do Iraque, da Jordânia e do Líbano atacaram o território de Israel” (Pinto, 2015).

---

<sup>23</sup> Movimento islâmico conservador que começou com Muhammad Ibn Abd al-Wahhab (m.1792). Ibn Abd al-Wahab baseou-se nos escritos de Ibn Taymiyyah e defendeu uma interpretação estrita do Islão sunita. Acreditava que todos os muçulmanos que se envolviam em práticas que ele considerava idólatras, não eram, de todo, muçulmanos (Stern & Berger, 2015).

<sup>24</sup> Sionismo refere-se ao movimento nacional pelo retorno do povo judaico à sua casa natal e ao reassumir da soberania judaica à terra de Israel (Britannica, 2016).

Ao fim de vários meses de luta, no dia 5 de Novembro, um cessar-fogo pôs fim à guerra, saindo derrotados os árabes (Pinto, 2015).

Com este novo nacionalismo árabe, nasce o movimento *Baath*<sup>25</sup>, tendo como sua figura dominante o coronel Gamal Abdel Nasser do Egito. O seu objetivo não era apenas a união das massas árabes, mas também das muçulmanas e africanas, através de um movimento nacionalista e populista (Pinto, 2015).

Embora a derrota frente a Israel na Guerra dos Seis Dias<sup>26</sup> tenha posto fim aos sonhos revolucionários do nasserismo, o nacionalismo árabe militar perdurou com Mubarak no Cairo, Saddam em Bagdade, Assad em Damasco e Kadhafi em Trípoli (Pinto, 2015).

Saddam Hussein, um homem oriundo de famílias pobres da região de Tikrit, alcançou a presidência do Iraque em 1979. Ao tomar posse, prontamente começou a eliminar quaisquer suspeitos que pudessem perturbar o seu poder, instituindo “uma ditadura pessoal e securitária com o terror como dissuasor” (Pinto, 2015).

“Perante a hostilidade do Irão de Khomeini, que ameaçava sublevar a maioria xiita do Iraque, e contando com o apoio estadunidense e soviético, Saddam iniciou uma guerra contra o Irão”, em 1980 (Pinto, 2015).

Embora tenha ganho a guerra, em 1988, Saddam, tinha ficado com uma economia destruída e com uma enorme dívida para com os países vizinhos. Para piorar a situação, com o fim da Guerra Fria<sup>27</sup> em 1989, os preços do petróleo estavam em baixa. Como tal, os iraquianos procuraram defender, no seio da OPEP<sup>28</sup>, uma política que restringisse a produção e exportação de crude, de modo a fazer subir o seu preço e a revalorizar os recursos do país (Pinto, 2015).

No entanto, o Kuwait, um dos principais credores da dívida iraquiana e dos maiores produtores de petróleo da região, para além de não perdoar a dívida ao Iraque, negou-se a baixar a produção. Consequentemente, Saddam invocou velhas questões fronteiriças, e pôs

---

<sup>25</sup> O partido *Baath* (ou Partido do Renascimento socialista árabe) foi fundado na Síria em 1943 por Michel Aflaq. Este partido advogava a criação de uma única nação socialista árabe (Britannica, 2016).

<sup>26</sup> Também chamada Guerra de Junho ou 3ª Guerra Israelo-árabe, decorreu entre 5 e 10 de Junho de 1967 e teve como resultado a conquista da península do Sinai, a faixa de Gaza, a cidade antiga de Jerusalém e os montes Golã, por parte de Israel (Britannica, 2016).

<sup>27</sup> Rivalidade aberta embora restrita que se desenvolveu após a 2ª Guerra Mundial entre os EUA e a União Soviética e respetivos aliados. Foi travada a nível político, económico e propagandístico com recurso limitado de armas. (Britannica, 2016)

<sup>28</sup> Organização Países Exportadores de Petróleo.

em marcha uma operação militar surpresa, com o objetivo de invadir e conquistar o Kuwait (Pinto, 2015).

Em resposta a esta agressão, “os Estados Unidos conseguiram uma votação legitimadora no conselho de Segurança da ONU para a operação *Desert Shield*, entre Agosto de 1990 e Janeiro de 1991, e para a *Desert Storm*, de 17 de Janeiro de 1991 a 11 de Abril de 1991”, de modo a socorrer o Kuwait. Começou assim a 1ª Guerra do Golfo (Pinto, 2015).

Ainda que o principal esforço militar e financeiro tenha sido da parte dos EUA, estes negociaram uma coligação internacional que alargava os seus apoios militares e logísticos. Após uma série de bombardeamentos para «amaciar» as tropas iraquianas, foi lançada uma ofensiva terrestre que levou a uma rápida vitória na reconquista do Kuwait e que neutralizou as reservas militares de Saddam no Iraque (Pinto, 2015).

Mais de uma década depois, inserida na «Guerra contra o Terrorismo», inaugurada com a campanha no Afeganistão<sup>29</sup>, surgiu a ideia estadunidense de derrubar Saddam Hussein, sob o pretexto da existência de contactos entre o governo de Bagdade e a *al-Qaeda*<sup>30</sup>, para o treino de elementos da organização terrorista no uso de armas biológicas e químicas, e da acusação de fabrico e uso, pelo Iraque, de armas de destruição maciça, nomeadamente nucleares, prontas a ser utilizadas contra o Ocidente (Pinto, 2015).

“Se o apoio dos governos dos países árabes e islâmicos à primeira guerra para expulsar Saddam do Kuwait fora quase unânime, o mesmo não aconteceria com a intenção de mudar o regime do Iraque” (Pinto, 2015).

A operação *Iraqi Freedom*, como se viria a chamar, foi vista por muitos governos árabes e sectores realistas estadunidenses e europeus, como uma tentativa de afirmação da superioridade civilizacional dos EUA e dos seus aliados (Pinto, 2015).

Saddam teve porém, perfeita noção que o Iraque perderia contra uma invasão estadunidense de grande escala e, como tal, ordenou a criação de um programa secreto para preparar uma guerra de guerrilha (Nance, 2015).

---

<sup>29</sup> Conflito internacional no Afeganistão iniciado em 2001 e despoletado pelo atentado terrorista de 11 de Setembro do mesmo ano contra os EUA. Terminou em 2014, altura em que a missão de combate da NATO terminou (Britannica, 2016).

<sup>30</sup> *al-Qaeda* (ou a base) é uma organização islamita militante fundada por Osama bin Laden nos finais dos anos 80 (Britannica, 2016)

As forças estadunidenses e britânicas começaram a enviar grandes números de tropas para a região em novembro de 2002. Enquanto a ONU procurava as armas de destruição massiva, os iraquianos procuravam saber as suas fraquezas e transformá-las em capacidades. Estes calcularam que milhares de armas e munições teriam de ser escondidas e dispersas em *caches*<sup>31</sup>. As *caches* teriam de ser pequenas, mas com dimensão suficiente para armar um grupo base de 5 homens por vários meses, com todos os componentes para criar IED, incluindo munições de artilharia pesada, cordão detonante e munições de morteiro (Nance, 2015).

Até à véspera da invasão estadunidense, não existiam grupos fundamentalistas islâmicos a atuar no Iraque, já que Hussein odiava qualquer oposição à sua autoridade. No entanto, a situação tinha-se alterado e o líder iraquiano precisava do máximo número de guerreiros que lutassem até à morte e que utilizassem a técnica que mais medo criava nos estadunidenses, os ataques suicidas. Para tal, Saddam não só convidou fundamentalistas estrangeiros para lutar, como lhes prometeu armas de graça, um grande número de alvos e muitas oportunidades para se sacrificarem por Deus (Nance, 2015).

Um dos grupos a aproveitar esta situação foi o *al-Tawhid wa al-Jihad*<sup>32</sup> de Abu Musab al Zarqawi (um dos principais seguidores da *al-Qaeda* que veria a tornar-se o EI). Estes *mujahideen*<sup>33</sup> viram os acontecimentos como uma oportunidade para estabelecer uma base de operações a longo termo no Iraque de modo a criar um Estado Islâmico do Iraque dominado por sunitas (Nance, 2015).

As forças estadunidenses atacaram com grande precisão e poder, e passadas apenas três semanas, no dia 9 de abril de 2003, a estátua de Saddam Hussein estava a ser derrubada por engenheiros dos *Marines* estadunidenses. No entanto a guerra estava apenas a começar (Nance, 2015).

Embora a invasão inicial tenha atingido o exército e regime iraquiano com tudo o que os estadunidenses e ingleses tinham, as baixas infligidas aos mesmos foram relativamente baixas, iniciando-se assim uma guerra de insurgência que, apesar da saída estadunidense de 2011, perdura até aos dias de hoje, com três principais grupos de

---

<sup>31</sup> “Uma fonte de subsistência ou abastecimentos, tipicamente contendo objetos como comida, água, artigos sanitários, e/ou equipamento de transmissões, armazenada de modo a prevenir danos de exposição e escondida em locais isolados sendo enterrada, tapada ou submergida, para apoiar pessoal isolado (JP 3-50, 2011).

<sup>32</sup> Monoteísmo e luta sagrada (Britannica, 2016).

<sup>33</sup> Guerreiro que faz a *Jihad* (Britannica, 2016).

insurgentes a atuar no Iraque: o FRL (*Former Regime Loyalists*)<sup>34</sup>, IRE (*Iraq Religious Extremists*)<sup>35</sup> e a AQI <sup>36</sup>(*al-Qaeda* no Iraque)<sup>37</sup> (Nance, 2015).

Nos finais do ano 2010, começaram as primeiras manifestações da chamada «Primavera Árabe», na Tunísia. Daí espalhou-se para vários países árabes e, nos finais de 2013, já “tinham sido substituídos governantes na Tunísia, no Egito, na Líbia e no Iémen, tendo ocorrido igualmente tumultos no Bahrein e na Síria, e manifestações em larga escala na Argélia, no Iraque, na Jordânia, no Kuwait, na Arábia Saudita, entre outros países. Os protestos foram alimentados pelas desigualdades, pela corrupção e pela frustração perante as injustiças sofridas às mãos das duradouras ditaduras” e exponenciados pelas redes sociais (Stern & Berger, 2015).

Bashar al-Assad tomou posse do governo sírio no ano 2000, após ter sucedido o seu pai, o general Hafez al-Assad que governava a Síria desde 1970, ambos alauitas<sup>38</sup>. No início de 2011, começaram os protestos, e a repressão do governo de Assad levou a ainda mais violência. Nesse mesmo ano iniciou-se uma sangrenta guerra civil que “já fez 250000 mortos, um número indeterminado de feridos, cerca de 4500000 refugiados nos países vizinhos – sobretudo no Líbano, Turquia, Jordânia, Iraque – e talvez o dobro de deslocados internos, reduzindo à pobreza, um terço da população”, travada até aos dias de hoje (Stern & Berger, 2015) (Pinto, 2015).

## 2.4. Principais Atores

Nas palavras de Nance (2015), “nas complexas políticas da região, ser o inimigo do meu inimigo não é sempre o suficiente para garantir amizade e assistência mútua.” Este facto deve-se à existência de um elevado número de grupos com variados interesses na região, que muitas das vezes são incompatíveis.

Devido à multiplicidade de beligerantes a combater na Síria e no Iraque, e na impossibilidade de os descrever todos, para este trabalho, seleccionámos os que considerámos como mais relevantes. Estes são: o *Syrian Arab Army* (SAA), as Forças de

<sup>34</sup> Membros pertencentes à insurgência planeada por Saddam (Nance, 2015).

<sup>35</sup> Extremistas religiosos do Iraque. (Nance, 2015).

<sup>36</sup> Antecessor do EI (Nance, 2015).

<sup>37</sup> Ver Anexo C.

<sup>38</sup> Seita minoritária xiita. Vivem principalmente na Síria onde constituem aproximadamente 8% da população (Britannica, 2016).

Segurança Iraquianas (FSI), os *Peshmerga* curdos, o *Free Syrian Army* (FSA), a *Jebhat al-Nusra*<sup>39</sup> (JAN) e o EI<sup>40</sup>.

O SAA de Bashar al-Assad opera com insuficientes efetivos de qualidade devido a deserções, traições e baixas em combate. Em três anos de guerra, de 2011 a 2014, o SAA passou de aproximadamente 300000 efetivos para metade. Esta grande redução afetou a sua capacidade de manter a posse de terreno e obrigou-o a priorizar o uso da sua limitada capacidade ofensiva. Assad conta agora com umas Forças Armadas de 130,500 homens e com o apoio de 150000 paramilitares. Conta ainda com o apoio do *Hezbollah*<sup>41</sup> (4000-8000 homens), do Irão (principalmente através de conselheiros militares) e da Rússia (principalmente através de ataques aéreos) (Christopher, 2015) (Studies, 2016).

As FSI do primeiro-ministro Haidar al-Habadi (xiita), que em 2011 possuíam 350000 homens, estão mal treinadas e desmoralizadas. Após a sua quase desintegração em 2014 face à ofensiva do EI, o novo primeiro-ministro (que sucedeu Nouri al-Maliki no mesmo ano) adotou uma estratégia de três pontos para as reconstruir. Em primeiro lugar, expulsar os oficiais corruptos, incompetentes ou politicamente comprometidos; secundamente, combater a corrupção que se tinha tornado endémica nas suas forças armadas, através de auditorias visadas a identificar “soldados fantasma” que eram pagos e não apareciam para o dever; e por último, a criação de uma Guarda Nacional recrutada localmente, de modo a devolver poder às províncias. Habadi conta agora com umas Forças Armadas de 64000 homens e ainda com o apoio de 145000 paramilitares (dos quais 100000 são milícias xiitas). Conta ainda com o apoio da *Operation Inherent Resolve*<sup>42</sup> (Cockburn, 2014) (Studies, 2016).

*Peshmerga*<sup>43</sup> é o nome dado aos combatentes curdos do norte do Iraque e da Síria. Estes têm as suas raízes em grupos tribais pouco organizados nos finais do século XIX, organizando-se formalmente como uma força nacional de combate do povo curdo após a queda do Império Otomano no final da 1ª Guerra Mundial. À medida que o movimento nacionalista curdo cresceu, os *Peshmerga* passaram de defensores tribais para lutadores nacionalistas por um Estado curdo independente. Lutam principalmente sobre a alçada de

<sup>39</sup> Frente da vitória (Cafarella, 2014).

<sup>40</sup> Abordado no capítulo seguinte.

<sup>41</sup> Ou partido de Deus, é um partido político xiita com a sua própria milícia criado no Líbano no seguimento da invasão israelita de 1982 (Britannica, 2016).

<sup>42</sup> Nome dado à operação criada em 2014, especificamente para combater o EI e a JAN. A coligação, liderada pelos EUA, conta ainda com mais 83 países (nos quais se inclui Portugal). Esta faz principalmente uso de ataques aéreos e funções de *mentoring* para combater os dois grupos fundamentalistas (BBC, 2016).

<sup>43</sup> Aqueles que enfrentam a morte.

dois blocos rivais: do Governo Regional do Curdistão (GRK)<sup>44</sup> no Iraque através dos seus *Peshmerga* e do *Partiya Yekîtiya Demokrat* (PYD)<sup>45</sup> através do Yekîneyên Parastina Gel (YPG)<sup>46</sup>, na Síria. Estimam-se os seus efetivos em 150000 combatentes. Ambas as fações contam também com apoio da *Operation Inherent Resolve* (BBC, 2014) (Studies, 2016) (Caves, 2012).

O FSA é a organização guarda-chuva de diversos grupos rebeldes contra o regime de Assad. O movimento de oposição da Síria tem sido fragmentado desde a sua origem, algo que tem dificultado a cooperação e coordenação no campo de batalha e por consequência, prejudicado a eficácia das operações rebeldes. Em dezembro de 2012 os principais líderes rebeldes anunciaram a criação de uma estrutura de comando unificado constituída por trinta membros, chamado o Comando Supremo Militar. Embora esta nova organização tenha melhorado a cooperação entre os diferentes grupos rebeldes, a sua estrutura continuou pouco coesa, estando muito dependente da vontade de colaborar dos diversos líderes membros do conselho. Estima-se que o FSA conte com 35000 combatentes (O'Bagy, 2013).

A JAN surgiu com a oportunidade expansão que a AQI viu na guerra Civil Síria. O predecessor do EI enviou assim, em 2012, um grupo de *jihadistas* para tomar a liderança no conflito, sob o comando de Abu Mohammed al-Joulani. Graças à sua disciplina e capacidades de combate, a frente *al-Nusra* rapidamente obteve grande sucesso, conquistando território chave na Síria. Após considerar que tinha ultrapassado o poderio do seu criador, deixou de lhe obedecer e separou-se deste. Este grupo foi reconhecido em 2013, pelo líder da *al-Qaeda*, Ayman al-Zawahiri, como seu principal afiliado na Síria e, como tal, beneficiário do seu apoio. A JAN conta tanto com combatentes sírios como estrangeiros. Estimam-se os seus efetivos em 15000 homens (Nance, 2015) (Cafarella, 2014).

---

<sup>44</sup> Corpo governativo da região autónoma do Curdistão no Iraque, presidido por Massoud Barzani. (Caves, 2012).

<sup>45</sup> Ou Partido da União Democrática é um partido político curdo sírio com ligações ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão na Turquia (PKK. (Caves, 2012).

<sup>46</sup> Ou Forças de proteção popular, são uma milícia curda controlada pelo PYD (Caves, 2012).

## 2.5. Ambiente Estratégico

Verificámos ao longo dos anteriores subcapítulos que o Iraque e a Síria são palco de um grande conflito de interesses, sejam eles económicos, religiosos ou políticos. Como tal, importa perceber quais os principais interessados na região e as suas relações entre si. No presente subcapítulo iremos fazer uma abordagem ao ambiente estratégico vivido no espaço em estudo.

A nível interno ambos os governos enfrentam a ameaça curda, cujo objetivo é um Estado-nação para si mesmos. A Assad, opõem-se ainda milícias sunitas, rebeldes do FSA, o EI e a JAN; enquanto Habadi enfrenta, para além do EI, a oposição do líder xiita Muqtada al-Sadr e de algumas tribos sunitas.

A nível regional está a decorrer uma guerra sectária entre xiitas e sunitas, encabeçada pelo Irão e pela Arábia Saudita, respetivamente. Na Síria, Assad é apoiado por conselheiros iranianos e por combatentes do *Hezbollah* que vêm do vizinho Líbano, enquanto países sunitas como a Turquia, Arábia Saudita e os EAU determinados em derrubá-lo chegaram a canalizar “centenas de dólares e dezenas de milhar de toneladas de armamento para quem estivesse disposto a lutar contra” ele (Cockburn, 2014), pertencessem à JAN ou outros grupos fundamentalistas. A Turquia partilha ainda a ameaça curda, materializada pelo PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão), cujo objetivo, a independência dos curdos turcos, representaria uma grande perda territorial para esta.

A nível internacional, os principais intervenientes são a coligação liderada pelos EUA, e a Rússia, que não sendo opositores diretos, apoiam fações incompatíveis, os rebeldes sírios e o regime sírio, respetivamente. O seguinte esquema ilustra as relações entre os diversos intervenientes.



## 2.6. Síntese conclusiva

Como confirmámos ao longo deste capítulo, tanto a Síria como o Iraque são países que se encontram em áreas com múltiplos interesses, situando-se numa região que sempre foi alvo de disputas e conflitos.

A sua geografia permite que grupos insurgentes como o EI tenham espaço suficiente para se movimentar aquando das suas ações militares, enquanto a sua natureza urbana permite a aplicação e desenvolvimento de técnicas terroristas cada vez mais devastadoras.

A sua grande diversidade cultural e religiosa, aliadas de uma ocasional governação fraca, são também permissivas ao aparecimento novos grupos fundamentalistas, muitas das vezes apoiados por interesses políticos e financeiros de outras nações, seja pela sua posse de recursos naturais, seja pela sua localização geográfica.

Este conflito de interesses dificulta o combate a grupos como o EI que, embora sejam aparentemente um inimigo comum a todas as partes envolvidas, consegue subsistir, seja por não haver capacidade de compromisso entre rivais, seja por não haver um interesse conjuntural, por parte de alguns atores, que o mesmo desapareça.

---

<sup>49</sup> Aliança de 15 partidos sírios curdos formada em 2011, que mantém fortes laços com o GRK (Caves, 2012).

## CAPÍTULO 3 – O ESTADO ISLÂMICO

### 3.1. Origem

O EI tem origem no grupo formado nos finais dos anos 90 por Abu Musab al-Zarqawi, o *al-Tawhid wa al-Jihad* (Rogero, 2015). Zarqawi que, tal como o nome indica, nasceu em 1966 na cidade industrial jordana de Zarqa, tinha como principal objetivo a destruição da monarquia jordana e a punição dos “judeus e cruzados” que a ajudassem. Salafista<sup>50</sup> devoto, foi preso a tentar colocar explosivos num banco. Em 1999 foi libertado após lhe ter sido concedida amnistia pelo rei Abdullah da Jordânia (Nance, 2015) (Johnston, Shapiro, Shatz, & Bahney, 2016).

A sua oportunidade surgiu com a invasão estadunidense do Iraque. Foi no período de pós invasão, em Setembro de 2004, que Zarqawi se juntou formalmente à *al-Qaeda* e, com o aval de Ossama bin-Laden, o seu grupo adotou o nome de AQI (*al-Qaeda* no Iraque), servindo de principal plataforma de entrada de *mujahideen* estrangeiros no país (Nance, 2015) (Kaválek, 2015).

Devido ao seu fanatismo, a AQI rapidamente se tornou a organização terrorista mais perigosa do Iraque. Zarqawi não tinha problemas em matar civis que fossem vistos a colaborar com o governo iraquiano, principalmente se fossem *rafida*<sup>51</sup>. Este tinha como objetivo não só expulsar a ocupação, mas também impedir o crescimento da comunidade xiita, que considerava apóstata (Nance, 2015) (Kaválek, 2015).

A AQI era especialmente ativa no chamado triângulo sunita<sup>52</sup>, focando-se principalmente em operações urbanas de modo a provocar violência sectária entre xiitas e sunitas. Esta área era também de grande importância estratégica visto que continha importantes infraestruturas industriais. Como tal, tornou a cidade de Fallujah no seu quartel-general (Nance, 2015) (Kaválek, 2015).

---

<sup>50</sup> O salafismo é um movimento islâmico sunita que faz apelo ao retorno as crenças, práticas e sinceridade do Islão primordial (Stern & Berger, 2015).

<sup>51</sup> Termo derogatório utilizado contra os xiitas (Stern & Berger, 2015).

<sup>52</sup> Área densamente povoada, maioritariamente por sunitas, a Norte de Bagdade (Anexo D).

Apesar da perda desta perante a *Operation Phantom Fury*<sup>53</sup>, a influência da organização continuou a crescer e, em janeiro de 2006, após se unir a outros cinco grupos fundamentalistas, passou a chamar-se *Majlis Shura al-Mujahideen* (MSM). Zarqawi foi *amir al-Mujahideen* (príncipe dos guerreiros sagrados) até à sua morte em junho do mesmo ano, no seguimento de um bombardeamento de um F-16. Este foi sucedido por Abu Ayyub al-Masri (egípcio) e Abu Umar al-Baghdadi (iraquiano). Ainda nesse ano, a organização passou a chamar-se *Islamic State of Iraq* (ISI), numa tentativa de dar uma aparência mais iraquiana à causa (Nance, 2015) (Kaválek, 2015).

Perante a crescente ameaça por parte do ISI e de outros grupos insurgentes sunitas (apoiados por um número cada vez maior de antigos membros do partido *Baath*), as FSI e as forças de ocupação conceberam uma nova estratégia, o *sahwa*<sup>54</sup>. Esta estratégia, também conhecida com *Sons of Iraq*, foi “formalizada pela primeira vez, em setembro de 2006, quando o *sheik* da tribo *Dulaymi*, Abd as-Sattar ar-Rishawi, juntou à volta de 45 líderes tribais da região de Ramadi e convenceu cerca de 4500 árabes sunitas (incluindo antigos membros anti coligação) a lutar ao lado dos EUA e de Bagdade” (Kaválek, 2015).

A estas novas milícias sunitas<sup>55</sup>, criadas com o ISI em mente, foi prometido que seriam pagas inicialmente por forças da coligação e posteriormente pelo próprio governo iraquiano, com a perspectiva de integração nas FSI regulares (Kaválek, 2015).

Esta estratégia revelou-se bem-sucedida no combate à insurgência, obrigando o ISI a realocar-se para Mossul (Kaválek, 2015).

Em 2010, após uma operação combinada de forças especiais estadunidenses e iraquianas, Abu Ayyub al-Masri e Abu Umar al-Baghdadi morrem, deixando a organização novamente decapitada, até ao aparecimento de Abu Bakr al-Baghdadi, que havia estado preso 4 anos em Camp Bucca até 2009 (altura do seu encerramento) (Nance, 2015).

No entanto, apesar da situação militar do grupo estar a deteriorar devido ao *sawha*, a situação política no Iraque começava a favorecê-los. O primeiro-ministro Nouri al-Maliki (xiita), não cumpriu a sua promessa e, pelo contrário, decidiu reduzir o poder das tribos sunitas dos concelhos do *awakening*. Os antigos combatentes que ajudaram o governo

<sup>53</sup> Ou 2ª Batalha de Fallujah, foi uma operação levada a cabo por uma coligação estadunidense, britânica e iraquiano em finais de 2004, para recapturar a cidade de mãos insurgentes. (Britannica, 2016)

<sup>54</sup> Despertar ou *Awakening*.

<sup>55</sup> Apelidadas de «cidadãos locais preocupados» pela coligação (Kaválek, 2015).

ficavam assim sem trabalho, com as suas armas confiscadas e com a sua vida ameaçada por parte do ISI. Nesta condição, muitos procuraram o único empregador que solicitava as suas qualidades, o seu antigo inimigo (Nance, 2015).

De uma maneira geral, os sunitas expressavam cada vez mais a sua insatisfação para com as políticas sectárias pro-xiitas de Maliki, levando eventualmente a protestos. Estes protestos originaram represálias por parte do governo iraquiano que resultaram em manifestantes mortos. Baghdadi aproveitou esta situação e encetou uma série de ataques terroristas na capital iraquiana a alvos xiitas, apresentando-se assim como protetor dos sunitas, ganhando a sua simpatia (Kaválek, 2015).

“A retirada das forças estadunidenses em dezembro de 2011 ocorreu sem um único disparo a elas dirigido, um presente de despedida do ISI...” (Nance, 2015) Saída que, foi também outro grande contribuidor para o aumento do número de combatentes a lutar pelo grupo insurgente, sendo este o ano com maior número de novos recrutas desde 2006.

Por volta de agosto de 2011, Baghdadi viu a oportunidade de expansão que a Guerra Civil na Síria representava para o seu grupo e, como tal, começou a enviar pequenos grupos de guerreiros para o país, entre os quais, Abu Mohammed al-Joulani, futuro *emir* da JAN. Quando este último declarou a cisão com o ISI, al-Baghdadi enviou Haji Bakr (um ex-coronel das forças de Saddam) para continuar a expansão pelo seu grupo. Eventualmente, em abril de 2013, o grupo alterou o seu nome para ISIS (*Islamic State of Iraq and ash-Sham*) ou como é conhecido em árabe: *Dawlat al-Islamyya Iraq – Sham* (DAESH) (Kaválek, 2015).

O grupo continuou a expandir a sua influência rapidamente, e através de uma série de campanhas bem-sucedidas, foi conquistando vastas parcelas de território, tanto no Iraque como na Síria.

Em junho de 2014, num sermão em Mossul, al-Baghdadi declarou-se líder de um novo califado que uniria toda a *umma*, o EI. O recém-proclamado califa Ibrahim exigiu assim, que todos os muçulmanos dessem apoio e jurassem *bay'ah*<sup>56</sup> ao novo califado. Após este anúncio, o grupo separou-se definitivamente da *al-Qaeda* de al-Zawahiri (Kaválek, 2015).

---

<sup>56</sup> Voto de lealdade. (Britannica, 2016)

### 3.2. Nível Estratégico<sup>57</sup>

Na 1ª edição da revista *Dabiq*, encontramos expostos os passos que Zarqawi identificou para levar a cabo um plano estratégico capaz de sobreviver após a morte de vários líderes do grupo:

- 1- *Hijrah* (emigração)
- 2- *Jama'ah* (congregação)
- 3- Destabilizar os *taghut* (idólatras)
- 4- *Tamkim* (consolidação)
- 5- *Khilafah* (califado)

“Em resumo, estas fases consistem em imigrar para uma terra com uma autoridade central fraca para servir de base onde a *jama'ah*<sup>58</sup> pode formar, recrutar e treinar membros (Se tal terra não existir ou a *hijrah* não for possível, o local pode ser formado através de longas campanhas de ataques *nikayah*<sup>59</sup> levados a cabo por células *mujahideen* clandestinas) ” (*Dabiq, The Return of the Khilafah*, 2014).

Segundo Couto (1988), a estratégia<sup>60</sup> total pode dividir-se em quatro estratégias gerais: política, militar, económica e psicológica. Vamos utilizar esta divisão para melhor compreender como o EI pretende alcançar seu objetivo ulterior, a criação de um califado que una toda a *ummah* muçulmana.

<sup>57</sup> Nível onde se determinam “os objetivos nacionais ou multinacionais (alianças ou coligações) a alcançar para os fins políticos e desenvolve os recursos necessários para os alcançar” (*PDE 3-00 Operações*, 2012).

<sup>58</sup> Grupo (*Dabiq, The Return of the Khilafah*, 2014).

<sup>59</sup> Ataques destinados a matar, ferir ou causar dano (*Dabiq, The Return of the Khilafah*, 2014).

<sup>60</sup> Estratégia é a “arte de empregar a força ou a coação para atingir os fins fixados pela política” (*Beaufre*, 2004).

### 3.2.1. Estratégia política

O EI pretende afirmar-se exatamente como tal, um Estado, ou seja, “uma população vivendo num território dirigido por um governo. Na ausência de um dos seus três elementos, não se pode falar de Estado.” Sendo que “ a condição essencial da existência do Estado é a soberania<sup>61</sup>” (Boniface, 2011).

Este lançou uma campanha política e militar com os seguintes objetivos políticos, identificados por Lewis (2014):

- Quebrar permanentemente as fronteiras políticas no Iraque, Síria e na região, cultivando as condições para o fracasso dos governos e/ou uma guerra civil sectária.
- Estabelecer o Califado Islâmico através do controlo do terreno ao longo do Iraque e Síria, da governação da população e da defesa contra ameaças externas.
- Atrair pessoas dispostas a lutar pelo Califado Islâmico e a povoá-lo.
- Expandir o território do califado e ligá-lo á *ummah*.

No que concerne à governação do território ocupado, o EI divide esta em duas grandes categorias: administração e serviços muçulmanos. A administração divide-se nos seguintes componentes: a conversão de novos crentes, a criação de institutos de *sharia*<sup>62</sup>, a educação elementar, o emprego da lei (policia local e policia religiosa), criação de tribunais, recrutamento e relações tribais. O provisionamento de serviços inclui para além do fornecimento de pão, água e eletricidade, a ajuda humanitária (Caris, 2014).

De modo a administrar o seu território, o EI utiliza uma divisão em unidades administrativas e militares chamadas *wilayat*<sup>63</sup>. Este opera atualmente 19 *wilayat* conhecidos. Dentro dos *wilayat* existem *qata'at*<sup>64</sup>, que dividem o território em parcelas ainda mais pequenas (McFate, 2015).

Nance (2015) identifica ainda, quatro medidas que o EI adota para que a população local o reconheça como governo legítimo: a proteção dos comerciantes, distribuição de

<sup>61</sup> “A soberania de um Estado é limitada pela dos outros; é o princípio de igualdade soberana dos Estados, que é um elemento de proteção dos pequenos contra os poderosos (Boniface, 2011).

<sup>62</sup> Lei islâmica que constitui o caminho que os muçulmanos devem seguir (Britannica, 2016).

<sup>63</sup> Estado ou mandato em árabe (McFate, 2015).

<sup>64</sup> Setores (McFate, 2015).

comida e caridade aos pobres, a oferta de perdões aos antigos inimigos e o estabelecimento de tribunais de *Sharia*.

O EI conta ainda com uma série de afiliados espalhados pelo globo que lhe juraram *bay'ah*, entre os quais: o *Wilayat Sinai* no Egito, a Brigada *al-Battar* na Líbia, a *Wilayat Khorasan* no Afeganistão e Paquistão e o *Wilayat Gharb Ifriqiyya* (também conhecido como *Boko Haram*) na Nigéria, entre outros (Gambhir, 2015).

### 3.2.2. Estratégia militar

Lewis (2014) identifica como atuais objetivos estratégicos militares do EI:

- Estabelecer controlo sob o terreno urbano no coração sunita do Iraque que se liga à sua base forte na Síria de modo a formar o território do califado islâmico;
- Controlar infraestruturas críticas que aumentem a sua riqueza e poder de negociação internacional;
- Criar uma zona de exclusão fronteiriça no Curdistão iraquiano e nas províncias de Diyala, Bagdade e Babil, étnica e sectariamente muito diversificadas, de modo a separar o califado do Irão;
- Destruir a capacidade ofensiva das FSI e do regime sírio;
- Impedir que a capital iraquiana seja um centro de decisão político e uma cidade xiita defensável;
- Assegurar-se que o governo sírio não recupera a sua legitimidade;
- Expandir o território do califado capturando cidades remotas na Síria e Iraque, criando linhas de comunicação externas adicionais;
- Expandir o califado capturando as zonas no norte e centro da Síria ocupadas pelos rebeldes e pela JAN.

Para cumprir estes objetivos, o EI conta com uma organização levemente armada, baseada infantaria irregular e veículos ligeiros, contabilizada em cerca de 35000 efetivos (Studies, 2016).

Esta força é empregue através de uma guerra híbrida. “As guerras híbridas incorporam um leque de diferentes métodos de guerra, incluindo capacidades

convencionais, táticas e formações irregulares, atos terroristas que incluem violência indiscriminada e coação e desordem criminosa” (Hoffman, 2009).

As forças híbridas conseguem efetivamente incorporar sistemas tecnologicamente avançados na sua estrutura e estratégia, e utilizar estes sistemas de maneiras que estão para além da qual foram desenhados. “Operacionalmente, estas são normalmente superiores às forças ocidentais no seu limitado espectro operacional” (Hoffman, 2009).

### 3.2.3. Estratégia económica

Humud, Pirog e Rosen (2015) identificam como principais fontes de lucro do EI: a venda de petróleo e de gás natural; a venda de antiguidades; a imposição de impostos, extorsão e apreensão de bens; raptos para resgate; ajuda externa e a produção agrícola.

- **Petróleo e gás natural:** Com vimos anteriormente, a Síria e o Iraque são ricos em combustíveis fósseis e, como tal, o EI faz proveito desta oportunidade. Estes recursos são vendidos através da fronteira turca, utilizados diretamente pelo grupo (ex: abastecimento de viaturas) ou trocados por outros bens.
- **Antiguidades:** A venda de antiguidades pilhadas de locais ocupados pelo grupo é vista como uma das suas principais fontes de lucro. Estas são retiradas de museus, armazéns, coleções privadas, bem como de locais de escavação arqueológica.
- **Impostos, extorsão e apreensão de bens:** O EI enquadra estas atividades como impostos ou doações de caridade. No entanto, existem esquemas montados onde «doações» involuntárias, compram a proteção ou continuação temporária de negócios. Estes possuem ainda, uma série de impostos, no qual se inclui o imposto religioso ou *jiziah*, imposto sob serviços (água, eletricidade, comunicações, ...) e impostos sob negócios. Estimam-se que estes gerem à volta de 360 milhões de dólares por ano. O grupo recorre ainda a assaltos a bancos e a taxas de alfândega para gerar lucro.

- **Raptos:** Estima-se que o EI tenha lucrado 45 milhões de euros em resgates só no ano de 2014. As vítimas são principalmente habitantes locais, mas também são feitos reféns jornalistas e trabalhadores de ONG.
- **Ajuda externa:** Calcula-se que o EI receba a maior parte do seu apoio financeiro externo de indivíduos oriundos de países europeus e de países do Golfo Pérsico. Estima-se que ao longo de 2013 tenha acumulado 40 milhões de dólares em donativos originários da Arábia Saudita, Qatar e Kuwait. Recebe ainda alguns fundos de combatentes estrangeiros que vêm apoiar a sua causa, onde alguns dos quais continuam a receber dinheiro através de contas bancárias do seu país de origem.
- **Produção agrícola:** Através das suas conquistas o EI, conseguiu tomar posse de terras ao longo dos vales dos rios Tigre e Eufrates, nos quais uma parte significativa das colheitas sírias e iraquianas são produzidas. Estima-se que o grupo consiga obter 200 milhões de dólares por ano com a sua produção agrícola.

Os mesmos autores identificam ainda como principais despesas do grupo: o pagamento de salários, a manutenção de infraestruturas e a criação de bem-estar social.

- **Salários:** Grande parte das despesas do EI é com o pagamento dos seus combatentes. O grupo paga aproximadamente 600 dólares a cada, em contraste por exemplo com o regime sírio que paga cerca de 100 dólares. Os seus guerreiros recebem ainda um subsídio extra no caso de serem casados ou pais.
- **Infraestruturas:** Outra fonte de despesa é a manutenção e reparação de infraestruturas, particularmente das que providenciam água e eletricidade.
- **Bem-estar social:** A liderança do EI tem dado ênfase aos serviços prestados à sua população, como por exemplo a ajuda aos pobres, inválidos, órfãos, viúvas e familiares das vítimas de ataques aéreos da coligação. O grupo tem ainda de subsidiar escolas, tribunais e forças de polícia local no seu território.

### 3.2.4. Estratégia psicológica

A expansão da tecnologia mudou o modo como o EI utiliza a *Internet* comparativamente aos seus predecessores na AQI e outros afiliados da *al-Qaeda*. Este conta em ligar uma nova geração de seguidores através do uso de ferramentas mediáticas e de comunicação fáceis de utilizar, à semelhança das utilizadas na Primavera Árabe. A sua propaganda faz assim uso de livros, palestras, revistas, áudio, vídeo e comentários nas redes sociais para espalhar a sua mensagem (Nance, 2015) (Stern & Berger, 2015).

“Para o EI, as redes sociais abriram-se para novos horizontes de combate, recrutamento, incitamento e até planeamento operacional, exagerado ou real” (Rogeyro, 2015). Temos o exemplo de um *jihadista* que em novembro de 2014, publicou na sua conta do *Twitter* uma lista de alvos a abater e tarefas para lobos solitários.

“No dia 18 de outubro de 2010, o ISI divulgou o seu primeiro grande vídeo para circulação nos painéis de discussão e informação na *Internet*, apelando ao incremento nas viagens para o Iraque, para constituir brigadas internacionais de combatentes fiéis” (Rogeyro, 2015). Estima-se que a maioria dos 20000 *jihadistas* estrangeiros que se dirigiram para a Síria e Iraque estejam a lutar pelo EI, número que a confirmar-se constitui a maioria dos seus guerreiros, como vimos anteriormente (Jenkins, 2015).

Muito deste material é também disseminado através do *al Hayat*<sup>65</sup> *Media Center* responsável pela estratégia mediática do grupo. É este centro que lança vídeos propagandísticos como o *Flames of War*, revistas como a *Dabiq* e relatórios de batalhas, quer em árabe, quer em inglês e outras línguas europeias.

O EI utiliza ainda o terror como arma de modo a controlar a população em território por si ocupado, encetando castigos (como chicotadas) e decapitações em praça pública (Stern & Berger, 2015).

---

<sup>65</sup> Vida em árabe.

### 3.3. Nível Operacional<sup>66</sup>

O EI encontra-se numa guerra terrestre na Síria e no Iraque em três tipos de terreno: desertos, cidades e áreas suburbanas. Destes três, o seu terreno preferencial é o deserto, já que lhe permite manobrar abertamente e atacar as cidades que lhe são adjacentes a partir de várias direções (Lewis, 2014).

O EI também se especializa em operações urbanas, em que os seus elementos se infiltram no interior de cidades inimigas e atacam as suas forças de segurança com táticas de guerrilha e a população com ataques terroristas (Nance, 2015).

Embora as campanhas perpetradas pelo EI não possam ser consideradas exatamente convencionais, conseguimos destacar dois grandes tipos de operações ao nível operacional: as operações ofensivas e as operações defensivas.

#### 3.3.1. Operações Ofensivas

“As operações ofensivas são as operações decisivas na guerra.” A sua finalidade primária “é destruir o inimigo ou conquistar terreno pela aplicação dos meios de forma violenta em toda a sua profundidade” (PDE 3-00 , 2012).

“O EI tem sido uma força do deserto desde a sua origem” (McFate, 2015). Um tipo de manobra desenvolvida pelo EI é a chamada ofensiva em «cinto», em que o grupo manobra a volta de cidades grandes, servindo-se do deserto de *Jazeera* que se encontra entre o rio Tigre e o rio Eufrates, e infiltra-se nelas após estabelecer setores de responsabilidade no terreno suburbano circundante e bases de operações neste.

Este tipo de manobra foi utilizado na grande ofensiva do grupo em 2014, denominada *Operation Lion of God al-Bilawi*<sup>67</sup> ou *gazwa* (raid do deserto) do norte, em que um elevado número de carrinha *pickup* armadas com *rockets* e metralhadoras, apoiadas por ataques suicidas, surgiam do deserto. Foi nesta ofensiva que o grupo conquistou a

---

<sup>66</sup> “O nível operacional estabelece a ligação entre o nível estratégico e o nível tático, ao orientar as ações táticas para os objetivos estratégicos. Ao nível operacional, os comandantes conduzem operações de grande envergadura para estabelecer na área de operações as condições que materializam o estado final desejado” (PDE 3-00 Operações, 2012)

<sup>67</sup> Em homenagem ao seu comandante Abu Abdul Rahman al-Bilawi (Nance, 2015).

cidade de Mossul com uma *Toyota Task Force* (TTF) com cerca de 1000 homens face aos 30000 das FSI.

Este uso do terreno permitiu também que Baghdadi lançasse a campanha *Destroying the Walls*<sup>68</sup> em 2012 que consistiu em três vagas de ataques a alvos do governo de Maliki, no espaço de 37 dias, fazendo recurso principalmente a S-VBIED<sup>69</sup> com o objetivo estratégico de ganhar o apoio dos sunitas (Wyer, 2012) (McFate, 2015).

### 3.3.2. Operações Defensivas

“As operações defensivas procuram garantir o insucesso do ataque inimigo, derrotar as suas forças, ganhar tempo, economizar forças e criar condições favoráveis para conduzir operações ofensivas ou de estabilização” (PDE 3-00 , 2012).

Neste momento o EI encontra-se numa postura mais defensiva para manter os ganhos territoriais de 2014, visto que está a ser alvo de ofensivas em Fallujah por parte das FSI (apoiadas por milícias xiitas), em Mossul por parte do GRK e em Raqqa (a sua capital) pelas SDF.

Como tal, emprega uma série de medidas defensivas, entre as quais destacamos: a defesa das cidades em vários anéis defensivos utilizando as populações vizinhas como escudo, o uso de trincheiras e túneis subterrâneos, a utilização de obstáculos e IED nos eixos de aproximação inimigos e a utilização de QRF (Ionita & Aanitei, 2015).

### 3.4. Nível Tático

De acordo com a PDE 3-00 (2012), é a este nível que um comandante faz “emprego de forças em combate para derrotar um inimigo ou um adversário, controlar terreno e população ou apoiar forças amigas.”

---

<sup>68</sup> Derrubando as Muralhas.

<sup>69</sup> *Suicide-Vehicle Borne Improvised Explosive Device.*

### 3.4.1. Objetivos táticos

Os objetivos táticos dos combatentes do EI acabam por não divergir muito dos outros grupos insurgentes rivais. Nance (2015) identifica-os como: **atacar, atacar e voltar a atacar e matar o inimigo; procurar oportunidades de vingança; e causar excesso de violência por parte do governo vigente.**

Com **atacar, atacar e voltar a atacar e matar o inimigo** entende-se que o principal objetivo destas organizações é causar o máximo número de baixas no inimigo, seja ele uma força ocupante, forças do governo instituído, outros grupos rivais, ou qualquer pessoa vista como colaborador, ou morrer a tentar. Isto não quer dizer que todos os *mujahideen* são suicidas, pelo contrário, é esperado da sua maioria que lutem longa e arduamente de modo a matar o máximo de inimigos possível, como tal, se não tiverem sido especificamente selecionados para participar num ataque suicida, é-lhes esperado que sobrevivam para lutar outro dia.

**Procurar oportunidades de vingança** significa procurar situações em que a força opositora cometa crimes contra a população local (como por exemplo violações) e fazer com que a justiça seja feita pelo próprio grupo de forma rápida e brutal.

Os insurgentes conseguem **causar excesso de violência por parte do governo vigente** através de ataques que demonstram que as forças institucionais são incapazes de os impedir. Normalmente, após estes ataques, as forças governamentais tomam medidas que acabam por oprimir o próprio povo, como a obrigação a um recolher obrigatório, rusgas, etc...

### 3.4.2. Armamento e equipamento

Embora o EI seja um grupo insurgente e, como tal, levemente armado, através das suas ofensivas bem-sucedidas conseguiram capturar numerosos blindados e peças de artilharia às forças de segurança da Síria e do Iraque.

Outra grande fonte de armamento e equipamento foi a imensa quantidade de armas que *Saddam* adquiriu durante o seu regime. Foi durante os 10 anos da Guerra Irão-Iraque que a maioria foi obtido mas, mesmo após a derrota na 1ª Guerra do Golfo, o Iraque

continuava com capacidade industrial para produzir munições de artilharia e de armamento leve, explosivos e *rockets*. No rescaldo da invasão estadunidense de 2004, milhares de caixas de detonadores e de munições não utilizadas abundavam nas antigas posições do exército iraquiano, depósitos de armamento e *caches*. Grande parte deste armamento desprotegido pôde ser recolhido por qualquer civil ou insurgente no Iraque. Explosivos como C4, *Semtex*, RDX, HMX e TNT industrial tornaram-se uma das principais causas de morte de soldados da coligação através de IED. A seguinte tabela demonstra por tipo o principal armamento pesado capturado pelo EI (Nance, 2015) (Studies, 2016) (Rogeyro, 2015).

Tipo de equipamento		Designação	Quantidade total
CC		M1A1 Abrams; T-55; T-62; T-72AV; T-72M1	147
Blindados de Reconhecimento		BRDM-2, M1117 ASV	42
VCI		BMP-1	31
VBTP		M113; MT-LB; ILAV Cougar; Dzik-3; BTR	25
VBL		Humvee	336
Artilharia		2S1, D-30; M-46; Type-59; M198;	67
Lança Foguetes múltiplos		BM-21; UB16	69
ACar		SPG-9; Metis-M; Konkurs; Kornet, Skorpion; Milan	56
AA	MANPADS	FN-6; SA-7 Grail; SA-14 Gremlin	11
	Peças	ZU-23, S-60; ZPU	221

Tabela 1 – Principal armamento pesado capturado pelo EI

Fonte: Rogeyro, 2015.

No que diz respeito ao armamento ligeiro, na Síria e no Iraque existem imensos RPG, “milhões de espingardas Kalashnikov, dezenas de milhar de metralhadoras PK, milhares de espingardas sniper SVD” (Nance, 2015), abundantemente utilizado por grupos insurgentes como o EI. No entanto, como podemos verificar nos seus vídeos propagandísticos, os seus elementos possuem uma grande variedade de armamento originário de praticamente qualquer país que o produz. Este é facilmente obtido no mercado negro. Temos o exemplo de Glock 19 desviadas da polícia iraquiana, MP5 capturadas no Kuwait durante a Guerra do Golfo, G3 capturadas na Guerra Irão-Iraque, etc..

### **3.4.3. Organização tática**

O EI, à semelhança de outros grupos insurgentes, tem uma estrutura hierárquica que faz uso de diretivas num sistema *top-down* a nível regional, até se expandir numa rede híbrida constituída por células semi-independentes. Célula ou grupo, também chamado *Kateebah*<sup>70</sup>, é apenas uma designação organizacional genérica não tendo definido um número exato de homens ou função. Cada uma destas células pode ter um número indefinido de homens, sendo este adaptado à operação em questão. Cada célula deve ser responsável pelas suas ações operacionais, organização logística e administração. Para tal cada uma possui um grupo central composto pelo líder da célula, o seu auxiliar, um responsável pelas e um especialista em logística, que pode ser também responsável pelas finanças do grupo. A figura 2 representa uma célula típica da AQI (Nance, 2015).

---

<sup>70</sup> Batalhão.

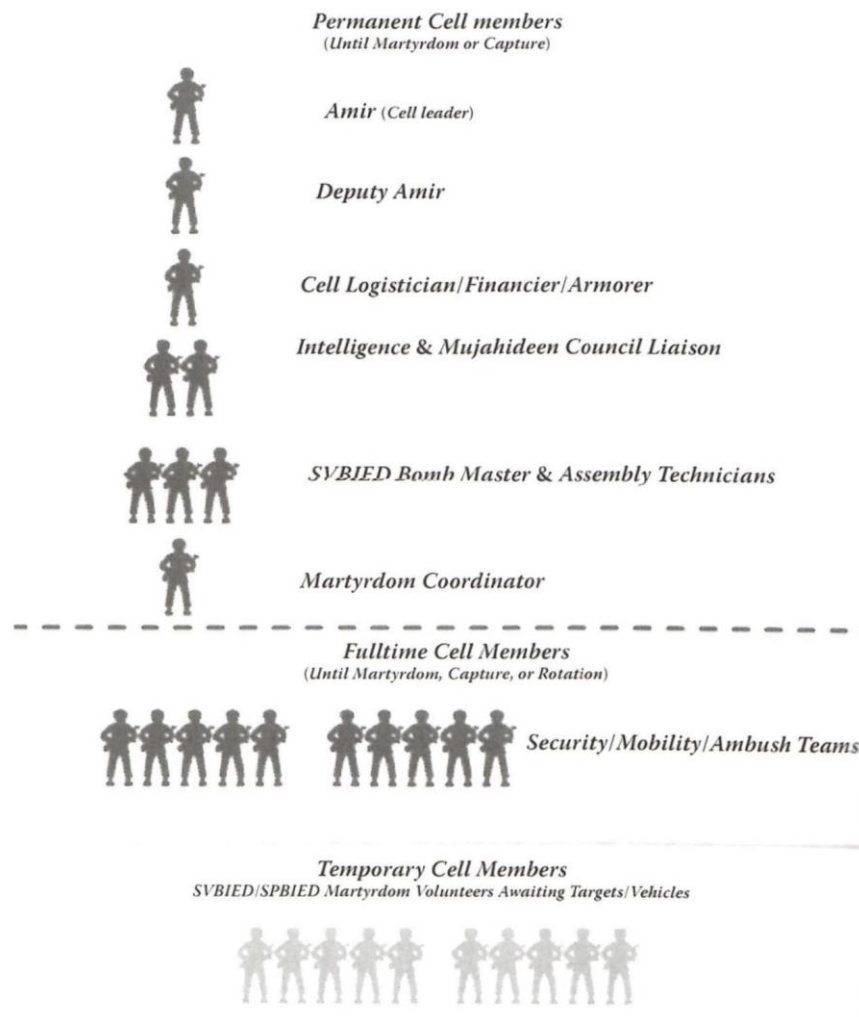


Figura 2 – Organização típica de uma célula da AQI

Fonte: Nance (2015)

Estes grupos fazem ainda uso dos chamados lobos solitários, principalmente em ataques terroristas como o massacre de San Bernardino ou tiroteio de Fort Hood. O uso de lobos solitários requer pouco apoio e interação por parte do grupo insurgente mandatário, levando a menor exposição dos seus membros. Este tipo de ataques, podem ainda produzir imitadores, que requerem ainda menos encorajamento e apoio por parte de grupos como o EI. No entanto têm maior probabilidade de ser menos eficazes, menos letais e mais facilmente detetados. Para colmatar esta situação, os insurgentes têm produzido e publicado uma série de manuais utilizáveis por qualquer pessoa que queira ser um *mujahideen*. Temos o exemplo do “*Safety and Security guidelines for Lone Wolf Mujahideen and small cells*” (Kagan, Kagan, Cafarella, Gambhir, & Zimmerman, 2016)

### 3.4.4. Principais táticas

O FM 3-24.2 (2009) identifica como principais táticas insurgentes violentas: o terrorismo, táticas de guerrilha, táticas convencionais e atividades criminosas. Identifica ainda como principais táticas não violentas: a subversão e a propaganda.

#### 3.4.4.1. Terrorismo

Um terrorista é um indivíduo que usa a violência, terror e intimidação para alcançar resultados, atingindo primariamente não combatentes de modo a aumentar a vulnerabilidade da população e diminuir a percepção de segurança. As suas principais técnicas incluem o assassinato, fogo posto, chantagem, atentados à bomba, sequestro, ameaças, homicídio, mutilação e tortura. Os insurgentes que fazem uso do terrorismo normalmente selecionam alvos simbólicos, política e economicamente, de modo a causar o maior mediatismo possível e afetar a legitimidade do governo. Temos como exemplos do uso de este tipo de tática os diversos ataques suicidas em Bagdade, o ataque ao Charlie Hebdo em Paris e os atentados de Bruxelas em Março do presente ano (FM 3-24.2 , 2009).

#### 3.4.4.2. Táticas de guerrilha

As táticas de guerrilha fazem tipicamente uso de ataques *hit and run* (“bate e foge”) executados por grupos pequenos e ligeiramente armados. Seleccionámos como principais o *drive by shooting*, as emboscadas, o uso de snipers e o uso de IED (FM 3-24.2 , 2009).

O FM 3-24.2 (2009, 6-30) define *drive-by shooting* como a utilização de armamento ligeiro por um ocupante de um veículo enquanto este passa por uma área, seguido da sua retirada imediata da mesma. Esta é uma técnica eficaz para um insurgente porque permite uma rápida infiltração e exfiltração, requer pouco apoio logístico, tem hipóteses de sucesso, e tem uma baixa probabilidade de resultar num empenhamento decisivo. Esta técnica pode ser vista a ser amplamente adotada pelo EI no seu vídeo *Clashing of Swords 4*, de forma a eliminar elementos do governo iraquiano e antigos membros do *sahwa*.

A PDE 3-00 (2012; 6-6) define uma emboscada como “um ataque conduzido pelo fogo, ou por outros meios, a partir de posições dissimuladas, sobre um inimigo em movimento ou temporariamente parado.” As emboscadas são das táticas mais comumente utilizadas por forças de guerrilha, já que possibilitam que um pequeno efetivo destrua um superior graças ao efeito surpresa. As mais complexas combinam *IEDs*, fogo de armamento leve, de morteiros e de snipers (FM 3-24.2, 2009).

Os insurgentes empregam frequentemente ataques de fogos indiretos contra guarnições, postos de vigia, campos de aviação e cidades fazendo uso de morteiros, rockets e canhões sem recuo. O principal objetivo destes ataques é provocar o inimigo e destruir material sem estreitar o contato. Quando possível, os insurgentes mantêm água próximo da base de fogos, para humedecer a terra circundante de modo a reduzir a quantidade de pó que é levantado após o disparo da arma (Jalali & Grau, 2010).

Nestes ataques, os insurgentes utilizam também bases de fogos não guarnecidas. Após reconhecer a área e fazer os cálculos necessários para acertar no alvo pretendido, colocam rockets em lançadores improvisados ou descartáveis e ligam-nos com dispositivos de iniciação de tiro com temporizador. Assim, possuem tempo para se afastar do local até o ataque se iniciar (Jalali & Grau, 2010). Outra técnica adotada é a utilização de morteiros previamente colocados em buracos no chão e regulados para um determinado alvo, dissimulados com tampas de lixo, tijolos, etc.... Posteriormente, um insurgente pode aproximar-se do morteiro com 3 a 4 munições preparadas e dispará-las numa questão de segundos (Nance, 2015).

O principal equipamento que os insurgentes utilizam para fazer face à superioridade aérea inimiga são os *man-portable air defense systems* (MANPAD). Estes dispositivos permitem que um só combatente consiga lançar mísseis terra-ar capazes de destruir aviões e helicópteros. No entanto, são utilizados de forma limitada devido à sua dificuldade de obtenção pela insurgência. Também estes sistemas são muitas das vezes pré colocados em locais conhecidos de trânsito aéreo inimigo e ativados remotamente, sem risco para o homem do gatilho (Nance, 2015). Os insurgentes utilizam também metralhadoras pesadas como a PKM ou a DsHKM 12,7mm montadas em veículos ou em telhados para fazer face às aeronaves inimigas, mas entre as técnicas mais inovadoras para destruir helicópteros em

voo baixo sobre zonas urbanizadas encontram-se os IED aéreos<sup>71</sup> e o uso de bandos de pombos<sup>72</sup>.

Outro tipo de emboscada utilizada pelo EI que vale a pena destacar é uso dos chamados caçadores de CC, em que uma parelha, armada com um RPG cada, ataca um CC ou outra viatura fortemente blindada, alternadamente de posições diferentes até à sua destruição. Esta técnica pode ser visualizada no seu vídeo *Flames of War*.

As operações com snipers têm o mesmo efeito quando utilizados em insurgências ou em guerra convencional, mas têm propósitos diferentes. Numa guerra convencional um sniper tem como alvo o comandante de uma força de modo a causar confusão no campo de batalha e perturbar as operações, enquanto numa insurgência estes são atingidos com fim a fazer propaganda e causar um sentimento de impotência no governo vigente (FM 3-24.2 , 2009). Normalmente um sniper é acompanhado por um observador que filma a ação. Estas são também frequentemente divulgadas nos seus vídeos, de modo a divulgar um atirador em específico. Os insurgentes fazem também uso de *sniper mobile platforms* (SMP), onde o atirador se posiciona no vidro traseiro ou bagageira de uma viatura e dispara através de um buraco (Nance, 2015).

Segundo a PDE 3-64-00 (2011, 1-1) “um Engenho Explosivo Improvisado (IED) é um dispositivo colocado ou fabricado de forma improvisada, contendo produtos químicos, explosivos, incendiários, tóxicos ou agressivos e concebido para matar, ferir, incapacitar ou causar distúrbios de qualquer tipo.” O uso de IED tem vindo a aumentar devido à sua simplicidade de execução, o seu baixo custo de produção e à flexibilidade do seu emprego. Em contrapartida, os seus efeitos podem ser devastadores, afetando quer o moral das nossas forças, quer a vontade de colaborar da população local.

---

<sup>71</sup> Consistem numa série de dispositivos colocados em telhados de modo a prender o helicóptero num muro de estilhaços.

<sup>72</sup> Bandos de pombos colocados em telhados e largados à passagem do helicóptero na esperança de estragar os seus motores ou quebrar os seus vidros.

São raros os casos em que uma só pessoa é responsável pela obtenção de materiais, construção e utilização de um IED., como tal existe normalmente o designado sistema IED. O esquema abaixo representa o exemplo de um sistema IED desde a conceção do dispositivo até aos seus efeitos (PDE 3-64-00, 2011).

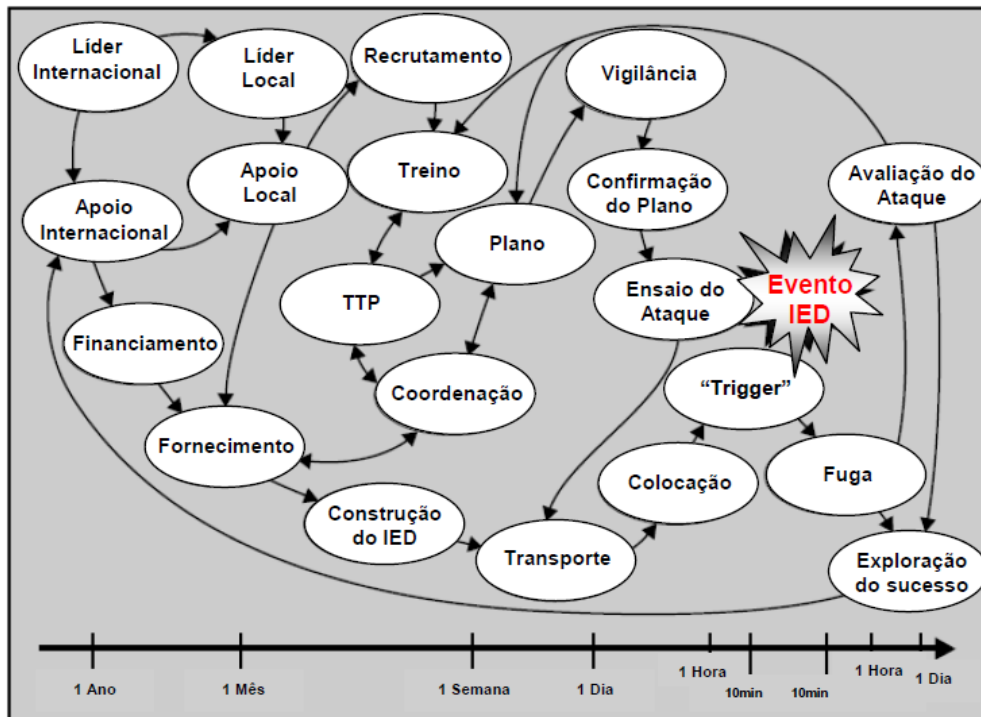


Figura 3 – Proposta de sistema IED

Fonte: PDE 3-64-00 (2011)

A PDE 3-64-00 (2011) divide os IED em dois grandes grupos relativamente à forma de iniciação: *Victim Operated IED* e os *Command Operated IED*.

Os VOIED são “desenhados de maneira a serem acionados por uma ação física externa da vítima.” Os mais comuns nesta categoria são o *Under Vehicle IED (UVIED)*<sup>73</sup>, os engenhos acionados através de prato de pressão (PPIED), engenhos acionados por arame de tropeçar, engenhos com sistemas iniciados por vibração<sup>74</sup> e iniciados por circuitos colapsados<sup>75</sup>. Por outro lado, os COIED são “desenhados de maneira a serem

<sup>73</sup> Colocados geralmente por baixo das galeras de camiões ou outras viaturas de carga com recurso a ímanes. Normalmente são acionados por inércia ou por temporizador.

<sup>74</sup> De modo a atingir equipas de socorro.

<sup>75</sup> De modo a atingir equipas de inativação, o engenho detona quando os fios de um sistema elétrico falso colapsam.

iniciados pelo insurgente, permitindo-lhe escolher o momento ótimo de funcionamento.” Os mais comuns são o *Command Wire IED (CWIED)*<sup>76</sup>, o *Remote Controlled IED (RCIED)*<sup>77</sup> e os IED suicidas<sup>78</sup>.

A diversidade de IED é tão extensa quanto a imaginação do seu criador, como tal, neste trabalho iremos apresentar os que considerámos como mais comuns: o *Explosive Formed Penetrator (EFP)*, as *Directional Focused Fragmented Charges (DFFC)*, as minas *Off-Route*, o IED de Salto e Fragmentação, o *Daisy-Chained IED*, o *Vehicle Borne IED (VBIED)*, o *Pedestrian Borne IED (PBIED)* e o *House Borne IED (HBIED)*.

Os *EFP IED* são cargas são cilíndricas, com a face anterior fechada por intermédio de um disco metálico côncavo, normalmente de cobre. Quando o explosivo é iniciado, a concavidade colapsa formando um projétil que permite penetrar a maioria das blindagens.

As *DFFC*, também conhecidas por minas *claymore* improvisadas, consistem normalmente numa superfície convexa contendo metralha. Imediatamente por trás, o explosivo provoca a sua fragmentação. Aquando a sua detonação, a metralha é expelida segundo um arco frontal, visando atingir principalmente pessoal exposto (patrulhas apeadas, apontadores e ocupantes de viaturas com vidros abertos, veículos não blindados, ou com blindagem ligeira)

As minas *off-Route* consistem em *rockets*, colocados na berma de itinerários com o intuito atingir transeuntes. Estes são normalmente colocados junto de entulho na berma da estrada ou em árvores e passagens superiores. Estas minas podem ser ocultadas e orientadas para o alvo consoante o melhor ângulo para a penetração da blindagem.

O IED de Salto e Fragmentação consiste num projétil, sob o qual é colocada uma pequena carga iniciadora/propulsora, com o intuito de a projetar para o ar, onde detonará. Este tipo de engenho é bastante eficaz contra equipas de socorro ou pessoal apeado em áreas abertas.

O *Daisy-Chained IED*, também conhecido como IED em rosário, consiste em dois ou mais engenhos explosivos (normalmente granadas de artilharia, morteiro ou projéteis de CC) ligados de tal forma entre si, que a detonação de um deles provoca a detonação dos restantes. São normalmente utilizados ao longo de itinerários.

<sup>76</sup> Ativado por comando filar.

<sup>77</sup> Ativado por controlo remoto.

<sup>78</sup> Ativado pelo próprio insurgente que sacrifica a vida de modo a destruir o alvo.

O VBIED é fundamentalmente a colocação de uma carga explosiva num veículo. Dentro desta categoria de IED, os mais temidos são os *Suicide*-VBIED (S-VBIED). Estes IED são normalmente acionados pelo condutor do veículo, que explodirá com ele, no entanto, caso este mude de ideias, existe habitualmente uma segunda viatura ou posição perto do alvo para o detonar remotamente. Estes são amplamente utilizados pelo EI para atacar edifícios do governo iraquiano e para abrir brechas em posições inimigas durante as suas ofensivas.

O PBIED consiste num bombista apeado que usa um cinturão ou colete explosivo para se fazer explodir. O mais temido é o *Suicide*-PBIED (S-PBIED) em que o insurgente consegue aceder praticamente a qualquer local para posteriormente se fazer explodir.

O HBIED consiste em armadilhar um edifício inteiro para explodir. Posteriormente os insurgentes fazem uma denúncia sobre este de modo a atrair uma equipa de intervenção das forças de segurança. Enquanto esta faz a rusga, os insurgentes detonam os explosivos fazendo desabar a casa.

#### **3.4.4.3. Tácticas convencionais**

O EI conduz também ataques de infantaria a larga escala para eliminar todos os alvos de uma área ou conquistar terreno simbólico. Estes combinam massas de infantaria com rockets, tiro de morteiro e IED, bem como com o apoio de fogos de artilharia capturada e de CC. Estas tácticas foram amplamente utilizadas nas suas conquistas de povoações sírias e iraquianas (Nance, 2015) .

#### **3.4.4.4. Atividades criminosas**

Como vimos anteriormente, o EI faz ainda recurso a atividades criminosas para angariar fundos para as suas atividades. Entre as mais lucrativas destacam-se: o rapto ou captura de reféns, extorsão, assaltos à mão armada ou tráfico (droga, humano, bens de mercado negro, entre outros...) (Army, FM 3-24.2 , 2009).

### 3.5. Síntese conclusiva

Tal como verificamos ao longo deste capítulo, o EI é uma organização que “não se fez num dia”, mas sim ao longo de vários anos, sofrendo altos e baixos desde a sua conceção à atualidade.

Vimos ainda que este se apresenta como um Estado, possuindo uma liderança forte, uma base territorial considerável<sup>79</sup> e uma população nele inserido. Este possui também uma estratégia bem definida com especial atenção para a expansão territorial e a não alienação da população. Para tal, o grupo procura afirmar-se como única entidade islâmica legítima, considerando todos as outras fações hereges e incitando uma guerra sectária.

Verificámos ainda que o EI é uma ameaça híbrida, da maneira que faz uso de vários tipos de táticas simultaneamente, nomeadamente de táticas convencionais, de guerrilha e terrorismo, levando a inúmeras combinações das mesmas. Embora este tipo de ameaça não seja inovadora, uso combinado de determinadas técnicas pelo grupo é, tendo atenção em especial para a maneira que este faz uso dos recursos tecnológicos.

Todos estes fatores combinados levam a que o EI seja uma verdadeira ameaça, quer para esta região do globo, quer para a comunidade internacional em geral que, dificilmente será completamente eliminada se não existir um esforço concertado recuperar os seus ganhos territoriais e resolver os problemas sectários e étnicos da região.

---

<sup>79</sup>Ver Anexo F.

## **CAPÍTULO 4 - COMO SE COMBATEM AS TÉCNICAS, TÁTICAS E PROCEDIMENTOS DO ESTADO ISLÂMICO**

O termo Contrainsurgência refere-se a todas as ações políticas, económicas, militares, paramilitares, psicológicas e cívicas que podem ser tomadas por um governo para derrotar uma insurgência (FM 3-24.2 , 2009).

O FM 3-24.2 (2009) identifica três fases em que as insurgências normalmente se desenvolvem:

1 – Latente ou Incipiente: Fase em que os insurgentes utilizam principalmente ataques terroristas e sabotagem para intimidar membros do governo e da população, com a finalidade de estabelecer e expandir a sua organização.

2 – Guerra de Guerrilha: Fase em que os insurgentes aumentam a utilização de táticas de guerrilha, o seu nível de propaganda e começam a tentar controlar áreas geográficas isoladas.

3 – Guerra de Movimento: Fase em que os insurgentes creem ter força suficiente para fazer frente às forças do governo com operações convencionais, combinando e treinando forças de guerrilha para lutar como forças convencionais, expandindo o território capturado, aumentando a atividade política e obtendo armamento mais sofisticado.

O EI já se encontra atualmente na 3ª fase, como tal as medidas a serem adotadas para o combater deverão ter como objetivo fazer o grupo passar pelas mesmas fases inversamente.

Neste capítulo iremos apresentar as principais medidas que devem ser tomadas contra o mesmo, apresentando-as utilizando a mesma divisão em níveis da guerra.

### **4.1. Nível Estratégico**

Para delinear uma estratégia contra o EI é necessário fazer uma análise dos elementos de poder estratégico que este possui, sendo estes: o centro de gravidade<sup>80</sup>, as

---

<sup>80</sup> A fonte de poder que fornece força moral ou física, liberdade de ação, ou vontade de agir.

capacidades críticas<sup>81</sup>, as necessidades críticas<sup>82</sup> e as vulnerabilidades críticas<sup>83</sup>. A tabela seguinte apresenta os mesmos identificados por Lewis (2014):

<b>Centro de gravidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Força militar bem liderada e organizada, apta a atuar ao nível tático, operacional e estratégico.</li> <li>• Controlo político forte personificado pelo califa <i>Ibrahim (al-Baghdadi)</i></li> </ul>
<b>Capacidades críticas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade de elaborar e executar campanhas militares ao nível estratégico e operacional, graças a competências como a capacidade de comando e controlo, a guerra híbrida e uso da manobra.</li> <li>• Capacidade de gerar força através de combatentes estrangeiros, fugitivos de prisões e do recrutamento local.</li> <li>• Capacidade de transformar vitórias militares em sucesso política através de uma campanha de mediática pró-ativa.</li> <li>• Capacidade de sustentação de centros urbanos, através do emprego de polícias, tribunais, escolas, projetos de reconstrução e distribuição de comida.</li> </ul>
<b>Necessidades críticas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Necessidade de manter o sucesso militar de modo a estabelecer autoridade política e religiosa.</li> <li>• Necessidade de manter alianças, principalmente a nível local (tribos sunitas).</li> <li>• Necessidade de manter o apoio de serviços.</li> <li>• Necessidade de manter a autoridade religiosa de modo a preservar a natureza base do califado islâmico.</li> </ul>
<b>Vulnerabilidades críticas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Território estendido, sujeito a frentes múltiplas.</li> <li>• Fissuras na liderança à diversidade dos seus membros.</li> <li>• Eventual deterioração de alianças (segundo <i>sawha</i>)</li> <li>• Líderes religiosos rivais (<i>al-Qaeda</i>)</li> <li>• Forças militares rivais a nível regional (Irão, Turquia,...)</li> </ul>

**Tabela 2 – Análise dos elementos de poder estratégico do EI**

<sup>81</sup> Meios considerados cruciais para fazer com que o centro de gravidade funcione e que os objetivos sejam cumpridos (Lewis, 2014).

<sup>82</sup> Condição essencial, recurso ou meio para que uma capacidade critica funcione (Lewis, 2014).

<sup>83</sup> Aspeto de uma necessidade critica vulnerável direta ou indiretamente a um ataque que crie efeitos significativos ou decisivos (Lewis, 2014).

Segundo Lewis (2014), a estratégia a adotar para derrotar o EI deve: destruir o seu centro de gravidade militar; atacar as suas capacidades, necessidades e vulnerabilidades críticas e prevenir que este estabeleça um controlo político duradouro.

Estas medidas devem ser tomadas por um governo legítimo apoiado pelo mínimo apoio externo possível, tendo em conta as divisões sectárias e étnicas da região de modo a não alienar a população.

## 4.2. Nível Operacional

Para combater uma insurgência, ao nível operacional os comandantes devem utilizar operações do tipo *clear-hold-build*<sup>84</sup>. Estas operações combinam ofensivas (de modo a encontrar e eliminar os insurgentes), defensivas (para proteger a população local) e de estabilização (de modo a reconstruir infraestruturas, aumentar a legitimidade do governo e impor a lei). Todas as fases combinam os três tipos de operações em níveis de intensidade diferentes (FM 3-24.2 , 2009).

Na fase de insurgência em que o EI atualmente se encontra, deve ser dada ênfase às operações ofensivas de modo a recuperar o território perdido. Neste momento, grupo está a ser atacado em três principais frentes: em Raqqa na Síria por parte das SDF e em Mossul e Fallujah no Iraque, por parte dos *peshmerga* do GRK e das FSI de Habadi, respetivamente. Todas estas ofensivas estão a ser apoiadas por ataques aéreos estadunidenses. É de salientar a necessidade de precaução para com a população civil ainda presente nas cidades que está a ser utilizada como escudo humano pelo EI.

## 4.3. Nível Tático

Tal como verificámos no capítulo anterior, o EI faz uso de um variado leque de táticas combinadas entre si para alcançar os seus objetivos militares, sendo impossível aborda-las a todas no âmbito deste trabalho. De seguida apresentamos as principais

---

<sup>84</sup> Limpar, segurar e construir

contramedidas previstas na doutrina COIN para fazer face às TTP identificadas no capítulo anterior.

#### **4.3.1. Contraterrorismo e Antiterrorismo**

O combate ao terrorismo divide-se em duas grandes categorias, o contra terrorismo e o antiterrorismo. Contraterrorismo são as ações levadas a cabo, normalmente por forças de operações especiais, diretamente contra as redes terroristas, consistindo geralmente em golpes de mão. Antiterrorismo são as medidas defensivas utilizadas para reduzir a vulnerabilidade de indivíduos ou propriedades face a ataques terroristas (FM 3-0 Operations, 2008).

Uma forma de perturbar as tentativas de ataques terroristas, é a adoção de *Random Antiterrorism Measures* (RAM). Estas visam alterar constantemente a postura de segurança da força de modo a derrotar o esforço de vigilância inimigo e introduzir um grau de incerteza ao plano de segurança de um determinado local. O FM 3.24.2 propõe as seguintes RAM:

- Colocar barreiras e obstáculos para veículos nos itinerários de modo a canalizar o trânsito em redor da base.
- Efetuar patrulhas de segurança aleatórias nos arredores da base.
- Efetuar trocas de serviço de sentinela em alturas aleatórias.
- Alterar tempos de acesso a pontos de entrada.
- Alterar procedimentos de acesso aleatoriamente.
- Alterar o procedimento de revista aleatoriamente.
- Utilizar UAS para vigiar a área circundante.

Para além destas medidas, deve-se procurar combater o terrorismo na sua fonte, ou seja, atacar as fontes de apoio aos ataques, as redes clandestinas e os lobos solitários, procurando integrá-los nas sociedades em que residem.

#### **4.3.2. Contraguerrilha**

Para fazer face aos ataques *drive-by*, deve-se recorrer a *checkpoints* estáticos, *checkpoints* móveis aleatórios e ao fecho de estradas perto de locais onde existem ataques

deste género com mais frequência. É ainda preciso ter em conta a necessidade das unidades subordinadas relatarem em tempo e com precisão o local do ataque ao escalão superior de modo a iniciar uma perseguição da viatura com UAS<sup>85</sup> ou helicópteros.

Em caso de emboscada, o principal objetivo para unidades táticas, é identificar e atacar ou perturbar a força emboscada antes que esta inicie o ataque. Para além disso, se a zona de morte for identificada antes de os insurgentes ocuparem a posição, deve-se montar uma contraemboscada contra estes. O procedimento base para forças COIN apeadas é responder imediatamente ao fogo, seguido do assalto a posição ocupada pelos insurgentes. No caso de estas seguirem montadas devem:

- Imediatamente responder ao fogo e procurar uma posição abrigada.
- No caso de se encontrarem na zona de morte, sair rapidamente desta.
- Se não se encontrarem na zona de morte, usar fogo e movimento para destruir o inimigo.
- Observar indícios de ataques adicionais (IED, inimigo a mover-se para um flanco, inimigo a em movimento com RPG ou armas ACar)
- Reportar situação ao escalão superior.

Alguns fatores que devem ainda ter sidos em conta são:

- Evitar aglomerados de pessoal e viaturas.
- Preparar um plano de reação que inclua o assalto às forças emboscadas.
- Manter o controlo do espaço tático imediato (100m)
- Estabelecer contraemboscadas em locais provavelmente utilizados para emboscadas insurgentes.
- Colocar equipas sniper ou outras forças para observar itinerários de aproximação a possíveis locais de emboscadas insurgentes.

O primeiro passo para fazer face à ameaça sniper é saber que ela existe e em que medida é perigosa. Seguidamente é necessário detetá-lo e destruí-lo. Entre as principais contramedidas ativas encontram-se: o uso de Postos de Observação (PO) e de observadores; o lançar patrulhas de reconhecimento e segurança constantes; o uso de equipas sniper; utilizar o fogo e movimento e empregar fumos. As principais contramedidas passivas são: limitar a exposição da força a snipers, utilizando itinerários cobertos e abrigados, evitando lugares luminosos à noite, utilizando progressão por lanços

---

<sup>85</sup> *Unmanned Aerial Systems*

e mantendo-se longe de portas e janelas; utilizar equipamento protetor, viaturas blindadas, painéis ou escudos para fazer travessias perigosas e ocupar terreno elevado.

O FM 3-24.2 (2009) identifica três principais técnicas para derrotar IEDs: **atacar a rede (sistema IED)**, **derrotar o engenho** e **treinar a força**. **Atacar a rede** visa derrotar a complexa rede de fornecedores de material, construtores, colocadores e financiadores de IED antes que este seja colocado. Este esforço consegue-se através de informações, vigilância, reconhecimento, *targeting* contra bombista, exploração técnica e forense do engenho, destruição de engenhos capturados e não detonados, e execução de tarefas de informação. Outra ferramenta que deve ser utilizada pelos comandantes no terreno é a análise de padrões, tendo em conta: o tipo de IED utilizado, os locais onde os incidentes ocorrem, provável distância do IED à *cache*, tipo de munições utilizadas e outros componentes, e método de iniciação utilizado. De modo a **derrotar o engenho**, são identificadas duas principais técnicas: a utilização de patrulhas apeadas e de RCT (*route clearance teams*). Ao utilizar patrulhas apeadas para atacar as células IED consegue-se atenuar a ameaça destes engenhos e o apoio popular às mesmas. As RCT são constituídas por engenheiros, equipas EOD, aparelhos mecânicos e robôs especializados. A limpeza de itinerários consiste em duas fases: limpeza imediata e manutenção de itinerários, e operações de varrimento. A limpeza imediata e manutenção de itinerários visa remover lixo, detritos, buracos, trincheiras e vegetação dos mesmos, com o objetivo de tornar os detetores de IED mais eficazes, tornar a colocação de IED mais difícil para o inimigo e permitir a sua mais fácil identificação por parte das forças contra insurgentes. Ao **treinar a força** consegue-se mitigar os efeitos da ameaça IED incutindo uma maior compreensão da situação e conhecimento do seu equipamento nas tropas no terreno. Importa que todos os militares no terreno: mantenham uma mentalidade ofensiva, desenvolvam e mantenham a perceção da situação, se mantenham vigilantes, evitam criar padrões, mantenham segurança 360°, mantenham dispersão tática, utilizem proteção contra fragmentos e efeito sopro, utilizem tecnologia (guerra eletrónica, visão termal, etc...) e procurem sempre o *triggerman*<sup>86</sup>.

O FM 3.24 (2009) identifica ainda série de medidas ofensivas, entre as quais destacamos: o *Search and Attack*, o *Cordon and Search*, o Golpe de Mão, a Emboscada e a execução de Patrulhas.

---

<sup>86</sup> «Homem do gatilho».

### **4.3.3. Táticas convencionais**

Apesar de bem-sucedido, o EI não deixa de ser um grupo insurgente e como tal dificilmente consegue fazer frente a um exército convencional. Idealmente, estas táticas devem ser derrotadas por um governo legítimo servindo-se de forças convencionais, com o menor apoio externo possível. No entanto, no caso em estudo, tanto na Síria como no Iraque, não existe uma autoridade centralizadora que possua umas forças armadas suficientemente fortes e o apoio da população para fazer face ao EI. Como tal, as ofensivas para combater o grupo têm sido alvo de apoios externos, destacando o aéreo.

### **4.3.4. Atividades criminosas**

A maioria das atividades criminosas perpetradas pelo EI, têm local no território que este ocupa. Como tal, para as eliminar, é necessário recapturar as cidades e as infraestruturas por este ocupadas. Numa segunda fase (em que o grupo regressa ao estado incipiente/ latente), estas devem ser combatidas pela polícia do governo legítimo.

## **4. 4. Síntese conclusiva**

O EI é um grupo extremamente bem organizado que faz proveito das vulnerabilidades dos seus adversários e do contexto regional. Como tal, para definir uma estratégia para o combater, é também necessário perceber quais as suas fontes de poder e principais pontos fracos.

A abordagem a ser tomada para o derrotar deve, à semelhança da que ele utiliza, incluir todo o espectro de operações, fazendo recurso a operações ofensivas, defensivas e de estabilização. Estas devem ser levadas a cabo por forças nativas da Síria e do Iraque, respetivamente, sendo que uma intervenção terrestre por parte de forças estrangeiras só deve ser feita em último recurso.

Verificámos também que, devido à variedade de táticas, técnicas e procedimentos aplicáveis pelo grupo, não existem soluções certas que resultem sempre para as derrotar, mas sim procedimentos que face à experiência em conflitos anteriores, as conseguem mitigar na maioria das vezes.

É preciso também ter em conta que mesmo após uma eventual derrota militar do grupo, este vá muito provavelmente continuar a subsistir como grupo insurgente em fase incipiente/latente. Como tal, para além de lhe retirar o território, é necessário eliminar as condições que permitiram o seu sucesso em primeiro lugar, de destacar: as políticas sectárias e a ausência de apoio popular ao governo vigente.

## CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

No presente capítulo iremos explicar as conclusões resultantes da investigação, respondendo às questões e hipóteses formuladas inicialmente.

Com o intuito de estudar a forma de combater do EI formulámos a seguinte questão derivada: *Quais as principais TTP adotadas pelo EI?* O EI é um grupo que faz uso da chamada Guerra Híbrida, que combina táticas convencionais, de guerrilha e terroristas simultaneamente. Face ao variado leque de táticas, técnicas e procedimentos que este faz uso, destacámos apenas as que considerámos mais frequentes. A hipótese que desenvolvemos foi a seguinte: *As TTP utilizadas pelo EI não são inovadoras.* Esta hipótese confirma-se sendo que todas as TTP apresentadas neste trabalho já tinham sido utilizadas previamente à conceção do grupo, no entanto, o uso combinado de algumas delas e a forma como são aplicadas pelo grupo são sim inovadoras.

Almejando verificar quais as medidas que devem ser adotadas para combater o EI levantámos a seguinte questão derivada: *Quais as contramedidas previstas na doutrina COIN estadunidense para fazer face às TTP adotadas pelo EI?* A doutrina estadunidense proporciona um guia geral relativamente completo de como um comandante deve atuar em combate perante uma situação de insurgência. No entanto, não apresenta a chave para todos os problemas táticos que um comandante possa encontrar no terreno e, muitas das vezes não deve ser seguida à risca. A hipótese que desenvolvemos foi a seguinte: *“As contramedidas táticas previstas na doutrina COIN são insuficientes para fazer face ao EI.”* Esta hipótese também se confirma sendo que é necessária uma abordagem holística. Pode-se confirmar esta necessidade com o exemplo do ressurgir do grupo após o *sawha*, após o qual, embora tenha saído militarmente derrotado, conseguiu recuperar aproveitando-se das condições políticas vividas no Iraque.

Respondendo à questão central, *Como se combatem as principais TTP adotadas pelo EI?* Tendo em conta que o EI é um grupo que faz uso de todo o espectro de operações, a resposta que lhe deve ser dada deve ser equiparada.

Verificámos também que o leque de táticas insurgentes e as suas combinações é tão vasto quanto a imaginação dos seus utilizadores, como por exemplo o uso de S-VBIED para abrir brechas antes do assalto de infantaria a uma posição e até mesmo o uso de aves

para derrubar helicópteros. Como tal, a melhor resposta às TTP de um grupo como o EI passa por um bom serviço de informações seguido da imediata adaptação às suas inovações táticas e criação de contramedidas tão inovadoras como as últimas.

Vimos também que esta resposta deve ser entregue o mais rapidamente possível de modo a evitar que grupo constitua uma presença política forte no território ocupado. Para tal é necessário haver uma decisão política concertada entre os diversos atores na região.

É também necessário resolver as questões étnicas e religiosas na região, caso contrário mesmo após a eventual derrota do EI, este pode ressurgir ou o vácuo que este deixa pode permitir que outro grupo fundamentalista o preencha (tal como a JAN).

Identificamos como principal limitação a esta investigação a falta de informação disponível, já que o objeto de estudo é uma parte integrante de um conflito que está a decorrer presentemente e, como tal muitos relatórios e documentos não se encontram disponíveis ao público. Como tal, este tema deverá e será certamente alvo de investigações futuras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Army, H. D. (22 de Fevereiro de 2008). FM 3-0 Operations. Washington DC, EUA.
- Army, H. D. (21 de Abril de 2009). FM 3-24.2 . Washington DC, EUA.
- BBC. (24 de Abril de 2016). Obtido de <http://www.bbc.com:>  
<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-29702440>
- Beaufre, A. (2004). *Introdução à Estratégia*. Edições Sílabo.
- Boniface, P. (2011). *Dicionário das Relações Internacionais*. Lisboa: Plátano Editora.
- Britannica, T. E. (24 de Abril de 2016). Obtido de [http://www.britannica.com/:](http://www.britannica.com/)  
<http://www.britannica.com/topic/Arab>
- Cafarella, J. (2014). *Jabhat al-Nusra in Syria*. Washington: Institute for the Study of War.
- Caris, C. (2014). *ISIS Governance in Syria*. Washington: Institute for the Study of War.
- Caves, J. (2012). *Syrian Kurds and the Democratic Union Party (PYD)*. Washington: Institute for the Study of War.
- Chatty, D. (2010). *The Bedouin in Contemporary Syria*. Middle East Institute.
- Christopher. (2015). *An Army in all Corners: Assad's Campaign Strategy in Syria* . Washington: Institute for the Study of War.
- CIA. (24 de Abril de 2016). <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook>.  
Obtido de <https://www.cia.gov>: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/iz.html>
- CIA. (24 de Abril de 2016). <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook>.  
Obtido de <https://www.cia.gov>: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sy.html>
- Cockburn, P. (2014). *O Novo Estado Islâmico*. Cacém: Self.
- Couto, A. C. (1988). *Elementos de Estratégia*. Pedrouços: Instituto de Altos Estudos Militares.
- Couto, A. C. (1988). *Elementos de Estratégia*. Pedrouços: IAEM.

- Dabiq. (2014). The Failed Crusade. *Dabiq*, 41-42.
- Dabiq. (2014). The Return of the Khilafah. *Dabiq*, 34-40.
- Fortin, M.-F. (1996). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. Loures: Décarie Éditeur.
- Gambhir, H. (2015). Meet ISIL's Most Dangerous Affiliates. *Politico Magazine*.
- Hassan, H. (2007). *Iraq: Tribal Structure, Social and Political Activities*.
- Hoffman, F. (2009). Hybrid Warfare an Challenges. *JFQ*, 34-39.
- Humud, C., Pirog , R., & Rosen, L. (2015). *Islamic State Financing an U.S. Policy Approaches*. Nova Science Publishers.
- Ionita, L., & Aanitei, I. (2015). Elements of Hybrid Warfare in the Islamic State of Iraq an Levant Operations. *Romanian Military Thinking*, 28-39.
- Jalali, A. A., & Grau, L. (2010). *The Other Side of the Mountain: Mujahideen Tactics in the Soviet-Afghan War*. Virginia: Books Express.
- Jenkins, B. M. (2015). *The Threat Posed by Foreign Fighters Returning from Syria and Iraq*. Santa Monica: RAND Corporation.
- Johnston, P., Shapiro, J., Shatz, H., & Bahney, B. (2016). *Foundations of the Islamic State: Management, Money, and Terror in Iraq, 2005-2010*. Santa Monica: RAND Corporation.
- Jupp, V. (2006). *The SAGE Dictionary of Social Research Methods*. Londres: SAGE.
- Kagan, F., Kagan, K., Cafarella, J., Gambhir, H., & Zimmerman, K. (2016). *Al Qaeda and ISIS: Existential Threats to the U.S. and Europe*. Washington D.C.: Institute for the Study of War.
- Kaválek, T. (2015). *From al-Qaeda in Iraq to Islamic State: The Story of Isurgency in Iraq an Syria in 2003-2015*. Istanbul: Alternatives Journal.
- Lawrence, T. E. (2008). *Seven Pillars of Wisdom*. Londres: Vintage Books.
- Lewis, J. (2014). *The Islamic State: A Counter-Strategy for a Counter-State*. Washington: Institute for the Study of War.
- McFate, J. (2015). *The ISIS Defense in Iraq and Syria: Countering an Adaptive Enemy*. Washington: Institute for the Study of War.

- Mendes, J. C. (2010). *Introdução ao Estudo do Direito*. Lisboa: Pedro Ferreira - Artes Gráficas.
- Moreira, A. (2004). *Terrorismo*. Coimbra: Almedina.
- Nance, M. W. (2015). *The Terrorists of Iraq*. Boca Raton: CRC Press.
- NATO. (2015). AAP 6 - NATO Glossary of terms and definitions.
- O'Bagy, E. (2013). *The Free Syrian Army*. Washington: Institute for the Study of War.
- Pinto, J. N. (2015). *O Islão e o Ocidente: A Grande Discórdia*. Alfragide: Dom Quixote.
- Pires, N. L. (2016). *Resposta ao Jihadismo Radical*. Alcochete: Nexo Literário.
- Poole, J. (2004). *Tactics of the Crescent Moon*. Emerald Isle: Posterity Press.
- Português, E. (Dezembro de 2011). PDE 3-64-00. Lisboa, Portugal.
- Português, E. (Abril de 2012). PDE 3-00 .
- Quivy, R., & CampenHoudt, L. V. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Dunod: Paris.
- Rogeiro, N. (2015). *O Mistério das Bandeiras Negras*. Lisboa: Babel.
- Sarmiento, M. (2013). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Stern, J., & Berger, J. (2015). *ISIS: The State of Terror*. Nova Iorque: Ecco.
- Studies, I. I. (2016). *The Military Balance*.
- Wyer, S. (2012). *The Islamic State of Iraq and the "Destroying the Walls" Campaign*. Washington: Institute for the Study of War.

## ANEXO A: MAPA DAS PROVÍNCIAS DO IRAQUE E DA SÍRIA



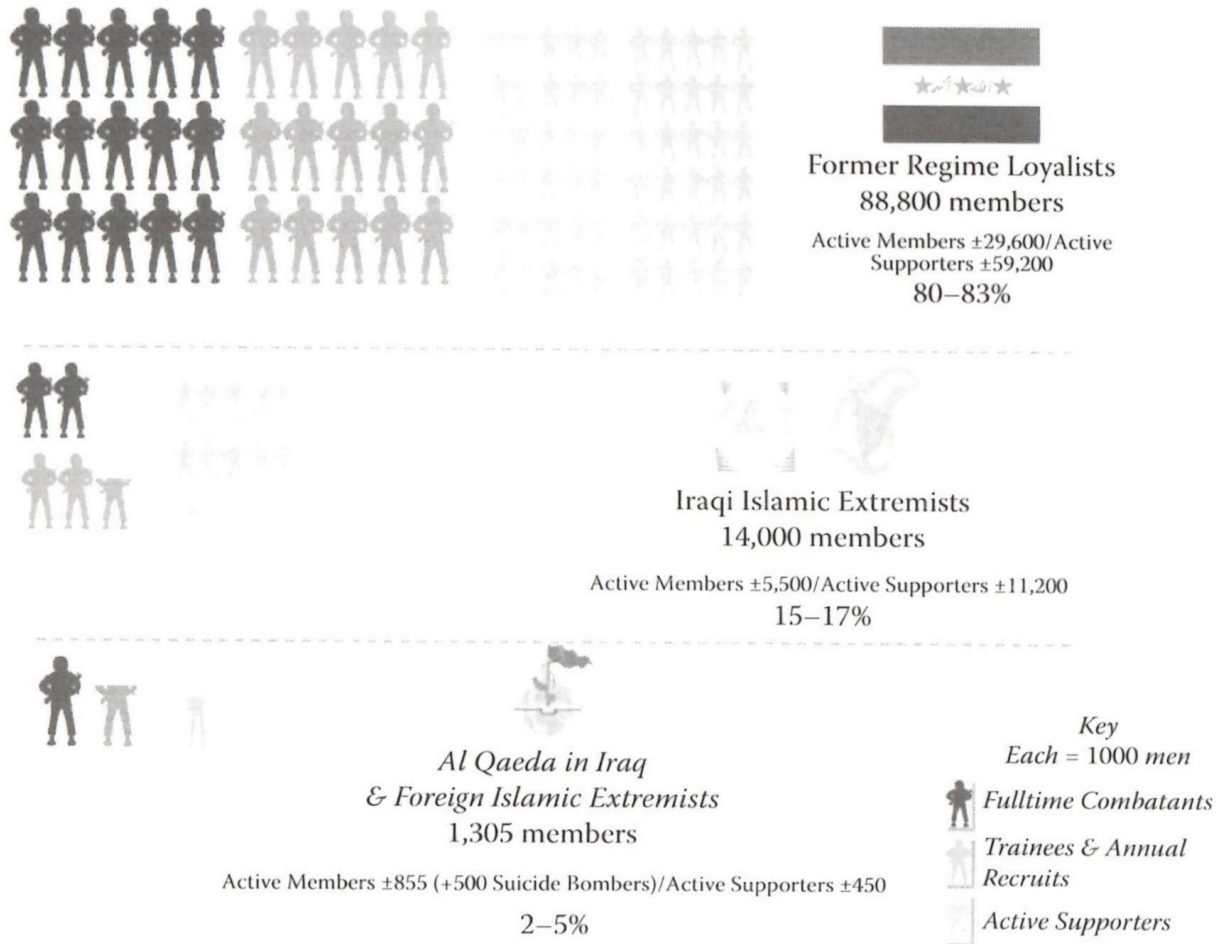
Fonte: [http://www.dailystormer.com/wp-content/uploads/2016/02/iraq\\_syria\\_map.png](http://www.dailystormer.com/wp-content/uploads/2016/02/iraq_syria_map.png). Acedido a 5 de junho de 2016.

## ANEXO B: ACORDO DE SYKES-PICOT



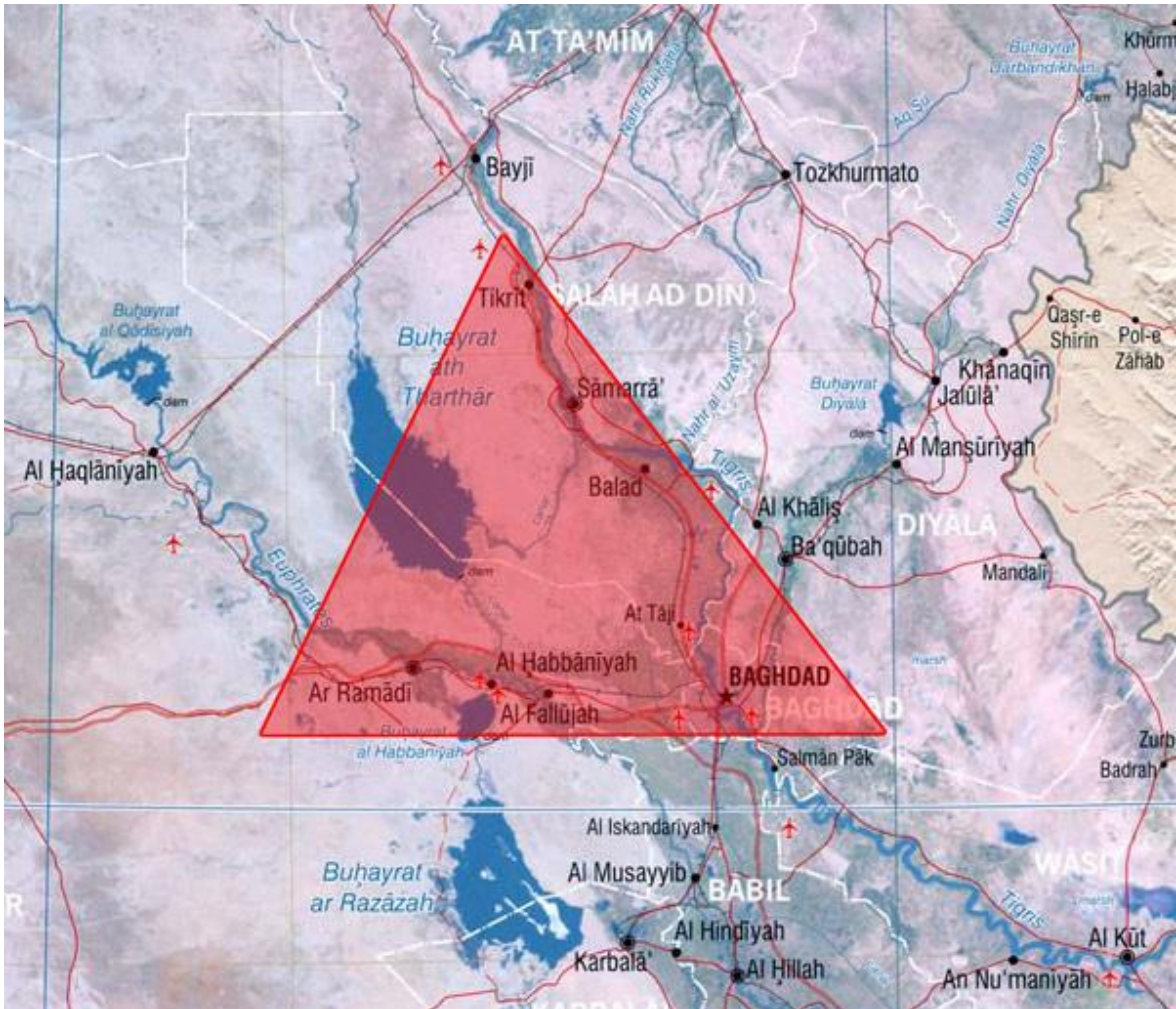
Fonte: <http://www.assyrians.nu/31>. Acedido a 1 de junho de 2016.

## ANEXO C: ESTIMATIVA DOS EFETIVOS DOS PRINCIPAIS GRUPOS INSURGENTES NO IRAQUE (2003-2009)



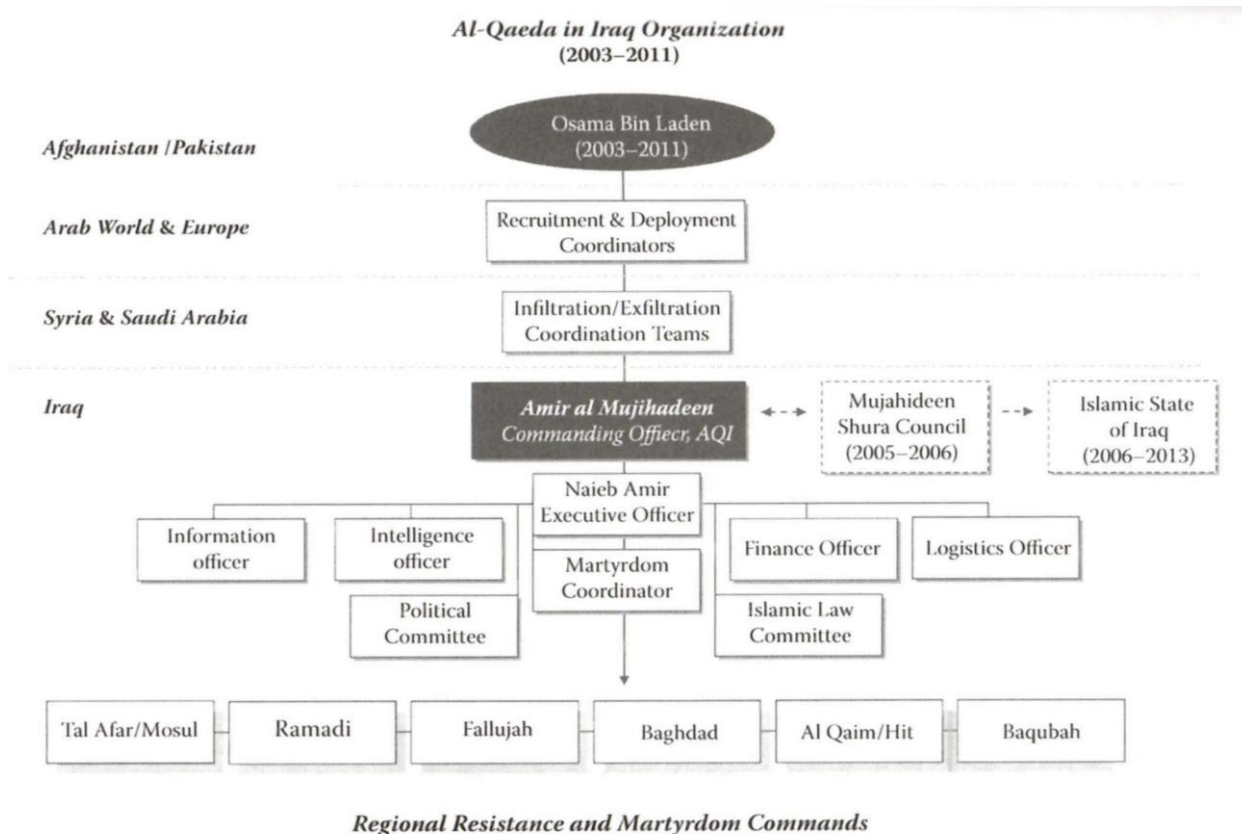
**Fonte: Nance (2015)**

## ANEXO D: TRIÂNGULO SUNITA



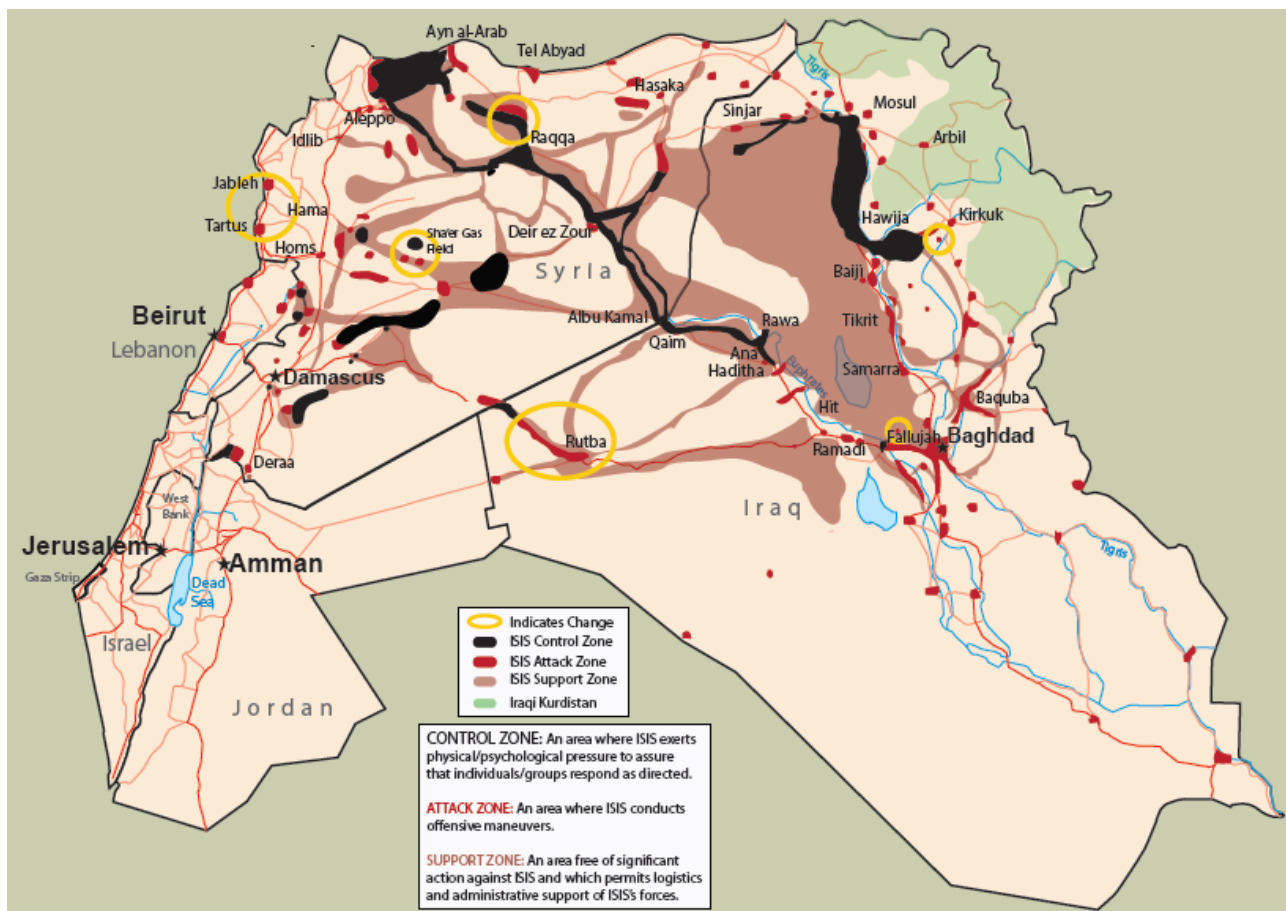
Fonte: <http://www.boatsie.com/photos20042014/photosfor20052006.html>. Acedido a 1 de junho de 2016.

## ANEXO E: ORGANIZAÇÃO DA AQI



Fonte: Nance (2015)

## ANEXO F: TERRITÓRIO CONTROLADO PELO ESTADO ISLÂMICO (25/06/16)



Fonte: Institute for the Study of War (2016)